

CONTOS E CRÓNICAS DE COMBATE

CADERNOS DO COMBATE #3 TEXTOS PUBLICADOS ENTRE 1988 E 1999

EDUARDA DIONÍSIO

FERNANDO ALVES

MÁRIO BROCHADO COELHO

FRANCISCO LOUÇÃ

ANDREA PENICHE

CECÍLIA HONÓRIO

INÊS FONSECA

JÚLIO PINTO

JOSÉ MANUEL MORAIS

HENRIQUE SILVESTRE

INÊS PEDROSA

NUNO MILAGRE

RUI ZINK

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

JOÃO BARREIROS

LUÍS FILIPE SILVA

TIAGO GOMES

PREFÁCIO DE JOÃO MESQUITA



CONTOS E CRÓNICAS DE COMBATE

TEXTOS PUBLICADOS NA REVISTA COMBATE ENTRE 1988 E 1999

PREFÁCIO: João Mesquita

EDIÇÃO GRÁFICA: Luís Branco

Edições Combate

Rua da Palma, 268, 1100-394 Lisboa, Portugal.

www.combate.info

CONTOS E CRÓNICAS DE COMBATE

Prefácio de João Mesquita

Textos de:

Eduarda Dionísio

Fernando Alves

Mário Brochado Coelho

Francisco Louçã

Andrea Peniche

Cecília Honório

Inês Fonseca

Júlio Pinto

José Manuel Morais

Henrique Silvestre

Inês Pedrosa

Nuno Milagre

Rui Zink

José Luís Peixoto

João Barreiros

Luís Filipe Silva

Tiago Gomes

(publicados na revista Combate entre 1988 e 1999)

NOTA DOS EDITORES

P arar e olhar atrás para procurar no caminho percorrido sentidos para o que temos pela frente. Saber que o percurso foi tantas vezes melhor do que a meta e que isso já ninguém nos tira. Com visão crítica, pois claro. Com distanciamento e também com orgulho.

O «Combate», primeiro «Combate Operário» e antes ainda «Luta Proletária», foi a publicação ininterrupta de uma corrente da esquerda nascida em 1973. De órgão oficial a campo de ensaios para a convergência que experimentávamos nas suas páginas, a sua edição chegou a ser, nos difíceis anos 80, prova de vida de um pequeno grupo que resistia ao desencanto e à traição de Novembro.

E em 1987, na sequência das primeiras eleições europeias e da lista do PSR (ainda hoje a única que pôde ser apresentada por ordem alfabética), o «Combate» renovou-se num projecto para além do quadro partidário. Foram os anos em que a Eduarda Dionísio editava, dos dossiers temáticos com debates mensais, da participação alargada, subitamente, a tanta gente, do entusiasmo mensal pelas palavras que se escreviam e pelas ideias que se faziam circular assim, pelos grafismos sempre controversos.

E foram esses os anos em que o «Combate» começou a ser o pretexto para a militância, (ou para pensar a militância, que é o mesmo). Discutir e juntar pessoas, juntar pessoas para agir. Uma e outra vez. Cada edição, cada mês, cada tema.

Não havia ainda a *internet* e os computadores davam os primeiros passos nas nossas vidas. O papel e as canetas, marcadores e x-actos eram instrumentos essenciais para o que fazíamos. As reuniões tinham sempre muito papel em cima da mesa e nesses papéis havia notas à margem, ideias

fixadas para não esquecer, notas soltas que serviam cada momento, com cores para ajudar à classificação.

Sendo o terreno em que o PSR experimentava convergências políticas com pessoas fora do seu núcleo restrito, o «Combate» foi também palco para o cruzamento de gerações diferentes em busca do socialismo. Foi escola e pretexto para tantas aprendizagens. Jovens de 20 anos lado a lado, na ficha técnica, com pessoas de 60 e com uma vida cheia. Lado a lado, de facto, na redacção, quando esta reunia em casa do João Martins Pereira, invariavelmente com café servido num tabuleiro pequeno para tantas chávenas. Momentos em que o tempo passava demasiado depressa para tantas referências e conversas que ainda agora começavam a fazer sentido. Momentos de privilégio em que aprendemos que o tratamento por «tu» é o único que faz sentido na luta pelo socialismo.

Do trabalho dos editores à concretização gráfica do Jorge Silva, momento quase solene de finalização mensal do trabalho e sempre sujeito à negociação onde a imaginação entrava pela noite dentro, e onde os prazos ultrapassados e a adrenalina garantiam que o jornal que fazíamos era uma parte da vida que levávamos. Impresso, o trabalho militante de alçar as suas páginas e fazer a expedição para os assinantes era o dia de festa na Rua da Palma. Trabalho manual, repetitivo, muitas vezes o primeiro contacto de jovens militantes com o jornal.

O «Combate» nunca pagou a redactores, gráficos ou ilustradores. Pagávamos a gráfica a preços solidários e pagávamos aos CTT quando o porte pago acabou. O trabalho militante era por convicção e certeza do que o que estávamos a fazer era o melhor que sabíamos e podíamos para intervir no mundo que queríamos desesperadamente compreender e transformar. Sem certezas, mas com muita vontade.

Director por imposição legal, o Francisco foi sempre o verdadeiro relações públicas do «Combate» e principal responsável pelos momentos em que o «Combate» se reinventou e se tornou o primeiro instrumento de uma corrente política em busca dos caminhos para a reconstrução da esquerda e da resistência necessária. Fazer das fraquezas força, essa foi sempre a sua magia.

Os artigos, as crónicas, as notas breves, as ilustrações, a reflexão das suas páginas, são ainda o melhor reflexo desse percurso singular que nos marcou a vida e determinou grande parte do que somos, cada um e colectivamente. Nestas edições dos Cadernos do «Combate» encontrarão as palavras de alguns dos melhores jornalistas do país, dos melhores ficcionistas e ensaístas, de activistas de sempre por todas as causas fundamentais. Textos escritos com vontade, para um jornal de circulação demasiado restrita, que combateu a indiferença e o conformismo e teve tantas e tão saborosas vitórias.

Carlos Carujo, João Carlos e Luís Branco

Novembro 2008

PREFÁCIO

TEMPOS DE “COMBATE”

João Mesquita

Verão de 1987. Aproximam-se a passo rápido as eleições legislativas que hão-de dar ao PSD de Cavaco Silva a primeira maioria absoluta obtida por um partido político em Portugal, após o 25 de Abril de 74. E o sufrágio dos primeiros representantes portugueses no Parlamento Europeu. Quis o Presidente da República, Mário Soares, que os dois actos se realizassem no mesmo dia: 19 de Julho. A 5 de Abril, a Assembleia da República aprovava uma proposta do jovem PRD de Ramalho Eanes, censurando o Executivo minoritário que Cavaco formara, depois de concluída, na Figueira da Foz, a mais célebre rodagem de um automóvel, alguma vez efectuada no país. O PS liderado por Vítor Constâncio, na qualidade de segundo partido mais votado em 95, tinha condições teóricas para formar um Governo de maioria, com o PCP e os autores da moção de censura (juntas, as três formações tinham mais 30 deputados do que a soma das bancadas do PSD e do CDS) . Soares, a quem Constâncio sucedera na secretaria-geral dos socialistas, não quis verificar se também tinha condições práticas. Contra a vontade da esquerda parlamentar, dissolveu o Parlamento e convocou eleições para o mesmo dia reservado pelos eurocratas para a contagem dos votos relativos ao hemiciclo de Estrasburgo.

Os resultados são conhecidos. Em menos de dois anos, o PSD ganhava mais de um milhão e cem mil votos, conquistando 50,2 por cento do eleitorado que foi às urnas e 148 deputados — mais 20,35 pontos percentuais e mais 60 parlamentares do que em 1985. Aníbal

Cavaco Silva começava a construir a biografia política que Mário Soares — e, valha a verdade, boa parte dos portugueses — desconhecia. Nos antípodas, o PRD passava de terceiro a quarto partido (por troca com a coligação eleitoral comandada pelo PCP) e perdia mais de 760 mil eleitores, correspondentes a menos 13,1 por cento de votantes e a menos 38 deputados. Na mesma linha, o CDS via fugir quase 326 mil votos, ficando com a respectiva bancada reduzida a quatro deputados (tinha 22). Mesmo se a sua votação subiu alguma coisa em eleições seguintes, nunca mais se livrou do epíteto de “partido-táxi”, que assombra os seus dirigentes de cada vez que há um sufrágio universal. O PRD, esse, mergulhou numa crise de que nunca mais conseguiu sair. Até o partido ser objecto de uma OPA por parte de um núcleo de extrema-direita, com ligações ao abominável Mário Machado. E sem que se verificasse qualquer atitude que pudesse classificar-se de resistência, por parte de quem parecia, então, mais preocupado em desembaraçar-se de tão ruim defunto do que de qualquer outra coisa.

O PS até ganhou alguns votos (58. 185, correspondentes a mais 1,47 por cento, se quisermos ser exactos) e três deputados. Mas a desvantagem em relação ao PSD transformou-se num autêntico fosso: se em 95 era de 527. 967 votos e 9,1 por cento, agora cifrava-se em 1. 578. 278 votos e 27,9 pontos percentuais (mais do que o triplo). Menos de dois anos depois da perda do Governo para os “laranjas”, tornava-se evidente que a travessia do deserto ia ser muito longa para os “rosas”.

Miragem maior só mesmo a da “maioria de esquerda”, que com a vitória de Soares nas presidenciais de 86, alguns pensaram ficar “ali tão perto”. A CDU, que nas legislativas de 1987 substituíra a APU, perdeu quase 210 mil eleitores (3,35 por cento) e sete deputados, relativamente a 95. Se, dois anos antes, a soma dos seus representantes com os do PS e do PRD dava uma confortável maioria de 30 parlamentares para a esquerda (espero não estar a ofender nenhum antigo renovador...), agora era a direita quem usufruía de uma vantagem, ainda mais confortável, de 54 mandatos.

A corrente conotada com a esquerda não-tradicional (chame-se-lhe assim para poder albergar o MDP/CDE, que vai a votos pela úl-

tima vez), também não se saiu bem. No seu conjunto, não conquistou a confiança de mais de 164.830 portugueses, equivalentes a 2,9 por cento dos votantes. A UDP, embora se mantivesse como o maior dos partidos pequenos, perdia mais de 20 mil votos e voltava, claro, a falhar o objectivo de tornar a ter um deputado sentado em S. Bento. O PSR ultrapassava o PDC, mas deixava fugir quase três mil eleitores e continuava a valer menos de metade dos democratas-populares. Apesar de uma campanha que toda a crítica considerou especialmente criativa, durante a qual nasceu, por exemplo, a consigna “Não lhes dê Cavaco”. E do envolvimento activo de não-filiados de prestígio, como a escritora Eduarda Dionísio e o encenador Jorge Silva Melo.

Nas “europeias”, a candidatura de Francisco Lucas Pires como cabeça de lista do CDS, elevou este partido a terceiro do espectro eleitoral, deixando para trás, comparativamente às legislativas, a CDU e o PRD. Apesar de as duas eleições se terem realizado no mesmo dia, os futuros “populares” elegeram para Estrasburgo tantos deputados como para Lisboa, produto de um crescimento de quase 11 por cento! Um crescimento ocorrido, basicamente, à custa do PSD, que apresentava como “número um” para o Parlamento Europeu Pedro Santana Lopes, que, diziam as “más-línguas”, Cavaco Silva queria ver o mais longe possível. Mais do que a perda de quase 13 por cento de eleitores de um boletim para o outro, o envio da “má moeda” para o centro da Europa fez com que os “laranjas” ficassem a um deputado de repetirem nas “europeias” a maioria absoluta tão facilmente alcançadas no sufrágio para a Assembleia da República.

Quanto ao resto, nada de novo. PS, CDU, PRD e esquerda não-tradicional repetiram, basicamente, os resultados das legislativas. De nada lhes valeu o recurso a “pesos-pesados”, como Maria de Lourdes Pintasilgo, Ângelo Veloso e Medeiros Ferreira, respectivamente, como cabeças de lista. O que permitiu ao conjunto da direita sentar em Estrasburgo 14 parlamentares, num total de 21. Decididamente, os tempos não corriam de feição à esquerda.

Além de Cavaco — e, vá lá, de Lucas Pires —, o ano parecia só estar a correr bem ao Futebol Clube do Porto, que a 27 de Maio se

sagrara campeão europeu, depois de ter batido, em Viena, o poderoso Bayern de Munique. No penúltimo dia de Agosto, Rosa Mota conquistaria, igualmente, um título significativo para o desporto português: o de campeã mundial da maratona. Mas isso, já foi depois das legislativas e das europeias. Até à realização destas, o que talvez marcasse o ano de 1987, para a esquerda, fosse a morte de Zeca Afonso, a 26 de Fevereiro, e a condenação de Otelo Saraiva de Carvalho a 15 anos de prisão, uma semana antes do calcanhar de Madjer na Áustria. Maus prenúncios.

QUALQUER COISA DE NOVO NO AR

... E, no entanto, andava qualquer coisa de novo no ar. “Memória é a faculdade que me permite lembrar das coisas que me aconteceram, do que faço e do que aprendi”, escreve José Manuel Morais, num dos textos publicados neste caderno. No que me toca, direi que, uma vez arrumada, na Páscoa de 1979, a militância no PCP(R)/UDP, deixara de ter em quem votar. Nas legislativas do final desse ano, já no exercício efectivo do jornalismo e com a convicção politico-ideológica muito por baixo, ainda fora lá colocar a cruzinha junto ao emblema do partido da enxada e da roda dentada. Mas, muito pouco sensível que sou aos apelos ao voto útil, a partir daí passei a votar em branco para a Assembleia da República. Eu, que em 1973 fizera campanha pelo boicote eleitoral, por não acreditar em eleições livres num regime como o do Portugal de então, fui sempre às urnas, após o 25 de Abril de 74. Com isso me demarcava de quem, por esquerdismo ou por fraca consciência politica, achava que os sufrágios continuavam a não servir para nada, mesmo em democracia parlamentar. Mas, a partir de 1980, passei a depositar o boletim de voto na urna exactamente como mo tinham entregue a mim na mesa.

Não me desinteressei da actividade político-partidária. Mesmo que o quisesse — e não queria — não podia. Os jornais para onde ia escrevendo, e precisamente por razões que não serão alheias à constatação do meu gosto pelo combate politico, colocavam-me preferencialmente a “cobrir” a Assembleia da República e os partidos políticos. Eu não

confundia, por outro lado, a ausência de militância partidária com a inexistência de actividade política, cívica e social, para lá das páginas da imprensa. Tomei posição pública sempre que a minha consciência mo impôs. E, fora das quatro paredes dos jornais, nos termos que entendi. Foi assim, nesses anos de 1980, com a defesa da independência de Timor-Leste (com a qual muito poucos se preocupavam então) ou com a luta pela libertação dos presos do PRP, primeiro, e de Otelo Saraiva de Carvalho e dos seus camaradas, depois.

Embora este não seja, nem o tempo nem o lugar apropriado para desenvolver esse importante debate — no centro do qual está o problema determinante da independência no jornalismo contemporâneo —, devo dizer que me situo entre os que pensam que, nas condições presentes, os jornalistas devem utilizar o seu poder de intervenção pública externa de forma parcimoniosa. Mas tenho de acrescentar que, do mesmo modo que não acredito na neutralidade da actividade jornalística, também não aceito que se condenem os profissionais da informação ao silêncio ou à inércia ante aquilo que eles próprios viram, ouviram ou leram. Demonstram os factos, ainda por cima, que essa condenação não é igualitária — vale mais para uns do que para outros. Lembro-me bem de que os mesmos que me criticaram, no jornal onde então trabalhava, por ter aderido a um abaixo-assinado de solidariedade com Otelo, me censuraram, pouco tempo depois, por não ter subscrito um documento onde, a pretexto da abominável repressão da Praça de Tiennamen, se execrava tudo o que cheirasse a comunismo ou a socialismo.

Talvez só muito remotamente isto venha a propósito do facto de, em Julho de 1987, eu ter decidido voltar a votar em eleições parlamentares (as presidenciais e as autárquicas não são para aqui chamadas agora). A verdade, a pura das verdades, é que voltei a preencher o boletim porque ouvi uns senhores (e umas senhoras) a dizerem coisas com as quais me identifiquei, nos seus aspectos essenciais. Hoje, é quanto me basta para votar afirmativamente. Talvez porque, sem negar a sua importância e influência, continue a pensar que as eleições, pelo menos por si sós, não mudam o mundo. Se aquela identificação

não existir, voto em branco e, pronto! O voto útil, salvo condições muito excepcionais, é que continua a não me levar.

Resolvida a questão — que, como expliquei, não era problemática — de saber em que votar, decidi-me a fazer outra coisa que não fazia há muito tempo, a não ser por obrigação profissional: assistir a um comício partidário. Foi assim que, creio que já muito próximo do dia do voto, me dirigi à Casa do Alentejo, para onde estava anunciada uma sessão do PSR. No fim, devia eu andar a procura de uns amigos com quem pudesse ir beber umas cervejas e discutir as eleições que vinham aí, o Francisco Louçã, líder máximo do partido, veio ter comigo e disse-me, remetendo para conversas anteriores entre nós: “Esta é que era a boa altura para apresentares um projecto de remodelação do ‘Combate’”.

NÃO FICAR PARADO À JANELA

Eu conhecia o Louçã de “guerras” antigas. Mais exactamente de 1972 ou 1973, do movimento estudantil dos liceus. Éramos de escolas diferentes (ele do Padre António Vieira e eu do Camões, primeiro, e do Passos Manuel, depois), e tínhamos ideias, também, diferentes (ele era trotsquista e eu maoísta). Nem eu nem ele, porém, gostávamos de ficar o dia inteiro à janela, a ver quem passava. Preferíamos fazer coisas. Muitas eram comuns — contra o sistema de ensino, contra a guerra colonial, contra a inexistência de liberdade de expressão e de associação.

Em boa verdade, nunca mais perdemos o contacto. Em 1979, dava eu os primeiros passos no jornalismo, encontrei-o na sede da LCI — organização que estaria na origem do PSR. O principal dirigente do grupo ainda era João Cabral Fernandes, destacado activista das lutas estudantis de Coimbra, uma década antes. Mas Louçã, muito antes de Paulo Portas ou de Pacheco Pereira, já tinha percebido a importância que, acabado o PREC, a comunicação social passaria a desempenhar. Os jornais eram uma das suas conversas favoritas. Os jornalistas, frequentemente, interlocutores privilegiados.

Acresce que ainda nos cruzávamos nalguns movimentos já aqui mencionados. Ele, na pele de dirigente partidário, eu, simples activista. Mas partilhámos aventuras e consolidámos cumplicidades. Não havia como dizer-lhe que não ao projecto de renovação do “**Combate!**”.

Demorei menos tempo a entregar-lho, seguramente, do que a aprontar este prefácio. Talvez porque, então, sentisse a obrigação decorrente da possibilidade de materialização de uma ideia que me era tão cara que passei inúmeras conversas a atazanar a cabeça de Louçã com ela. E talvez porque, agora, ainda tenho muito presentes palavras de Inês Pedrosa (autora reeditada neste caderno), que um dia destes escrevia, numa carta ao director do “Público”: “Não gosto de prefácios, penso que um livro deve valer por si”. Só me sinto tranquilo porque, se há livro que vale, realmente, “por si”, é este, não precisando do prefácio para nada.

MAIS PRÓXIMO DO JORNALISMO

No projecto que então apresentei, não me atrevia a propor que o “**Combate**” deixasse de ser o órgão oficial do PSR ou que a sua redacção deixasse de ser maioritariamente constituída por militantes do partido. Limitava-me a sustentar, na linha das conversas que vinha mantendo com Louçã, uma abertura do jornal, quer em termos temáticos, quer do ponto de vista das colaborações e da predisposição para o debate, bem como a adopção de uma linguagem e de um grafismo que o aproximassem mais do jornalismo do que da pura propaganda partidária, por mais rebelde que esta fosse.

Tratava-se, no fundo, de dar passos que permitissem, a prazo, ocupar o vazio já então existente em Portugal, no domínio de uma imprensa editorialmente assumida como de esquerda e irreverente. Aproveitando, simultaneamente, a disponibilidade manifestada por vários activistas não-filiados, no sentido do aprofundamento de novas formas de intervenção, experimentadas durante a campanha eleitoral. E, bem assim, o desejo manifestado por muitos jovens jornalistas e

candidatos a jornalistas, de poderem aceder a um meio que lhes permitisse aferir das virtualidades de novos conceitos e de novas técnicas, até então só testados em grupos de amigos ou de colegas de curso, quando muito em publicações mais ou menos *underground*.

Surpreendentemente, para mim, Louçã não se limitou a concordar com os meus postulados. Foi mais longe, aceitando que o jornal deixasse mesmo de ser o órgão central do PSR e que a redacção comportasse uma maioria de não-militantes do partido. Propunha, não duvido que já em sequência dos contactos estabelecidos, dentro e fora da sua organização, que o corpo redactorial ficasse assim constituído: ele próprio, Francisco Louçã, Heitor de Sousa, Manuel Videira (todos “socialistas-revolucionários”), João Martins Pereira, Eduarda Dionísio, Jorge Silva Melo e João Mesquita (sem qualquer filiação).

Na primeira reunião do colectivo, como todas as desta fase, realizadas em casa de Eduarda, ainda propôs que fosse o nome desta a passar a surgir no cabeçalho, como directora do jornal. Se assim não aconteceu foi porque toda a gente, a começar pela própria Eduarda Dionísio, defendeu que a direcção continuasse a ser desempenhada por Louçã. Pensava bem, era organizado, meticoloso... Talvez demasiado rígido, para alguns de nós. As reuniões, em princípio quinzenais, começavam praticamente a horas.: 21,30. À meia-noite, salvo razões muitos ponderosas, estavam terminadas.

Nada que impedisse os mais noctívagos de, por vezes, ficarem à conversa pela madrugada fora... Uma ocasião, a Eduarda, o Heitor e eu só nos apercebemos de que já era manhã porque a filha da dona da casa entrou pela sala dentro com ar de quem já devia estar a preparar-se para ir para a escola... Tornáramo-nos todos amigos, era o que era! E por isso nos custa muito mais, a nós que ainda cá andamos, o desaparecimento de alguém como o João Martins Pereira, que era, para além da suas enormes qualidades intelectuais e humanas, um dos grandes cultores dessa amizade.

Uma amizade que não impedia a discussão acesa, normalmente centrada nos temas que dominavam cada número do jornal e na es-

colha das pessoas, a nosso ver, mais capazes de os tratarem, sob diversos pontos de vista. Inclusive nos debates públicos a que diversos temas centrais do “**Combate**” deram origem e que se constituíram em mais um importante veículo de reflexão, numa altura em que esta era praticamente inexistente na esquerda e, designadamente, nas correntes revolucionárias, onde ainda se lambiam muitas feridas do passado mais ou menos recente. Este caderno, creio eu, permite ao leitor entender boa parte das nossas preocupações — em articular assuntos como religião, utopias, jornais, Norte, Lisboa, competição, ecologia, e em conciliar estilos que iam (vão) da crónica ao conto, passando pelo ensaio e quase pela reportagem. Só não deixa, porque não permite ver o grafismo do Jorge Silva, como o jornal era, paralelamente, do mais inovador e elegante que havia,

Um dos 18 autores cujos textos são aqui recuperados também já não pertence ao mundo dos vivos: Júlio Pinto. Boémio incorrigível, jornalista de enorme talento, militante do PCP durante muitos anos, compreendeu o que muitos camaradas seus só entenderam mais de uma década depois, com a queda do muro de Berlim e coisas que tais. Nunca reclamou nenhum estatuto especial por causa disso. Continuou a rir-se de si como se ria dos outros, num registo que às vezes se aproximava do provocatório e que lhe granjeou alguns inimigos. Transportou a controvérsia para o seio da própria “Ovelha Negra”, o suplemento humorístico do “Combate” de que foi, juntamente com João Paulo Cotrim, grande animador, a partir da sua criação, em Dezembro de 91.

Mas isso foi numa outra fase. Embora tenha continuado a acompanhar sempre o jornal (a atenção só diminuiu quando o “**Combate**” assumiu a forma de revista), a minha colaboração, iniciada a sério em Dezembro de 1987, diminuiu drasticamente em meados de 89, com a entrada para a equipa fundadora do “Público” e a eleição para a presidência do Sindicato dos Jornalistas. Enquanto durou, contribuiu, orgulhosamente, para a edição de textos ou de entrevistas de gente que, só por acaso, não faz parte da selecção deste caderno: José Mário Branco, Fernando Rosas, José Cardoso Pires, Francisco Mar-

tins Rodrigues, Luís Miguel Cintra, Fernando Piteira Santos, João Brites, Miguel Portas, José Mattoso, Madalena Barbosa, Miguel Vale de Almeida, Viriato Soromenho Marques, Irene Sousa Santos; ajudou a impulsionar a participação de jornalistas como Adelino Gomes, Elisabete Caramelo, Viriato Teles, Ana Sá Lopes, José Manuel Rodrigues da Silva, Elisabete França, Alexandra Lucas Coelho; e ainda deu para assistir à chegada de jovens como Jorge Costa, João Romão, Luís Branco e Nuno Milagre. Não tivessem escolhido outros *combates* (e os padrões deixassem...) e os quatro podiam ser, hoje, excelentes jornalistas.

Muita água passou, entretanto, por baixo das pontes. Mas surpreendo-vos muito se disser que permanecem intactas em mim quase todas as razões que me conduziram às conversas de 1987 com Francisco Louçã? Hoje como ontem (e, actualmente, já nem há o “Diário de Lisboa” e o “Público” é “outra coisa”, a esquerda precisa de um jornal de massas que noticie o que os outros não noticiam, que discuta o que os outros não discutem, que afirme o que os outros não afirmam, que descubra o que os outros não descobrem — e que, ainda por cima, faça tudo isso de uma forma bonita, irreverente, polémica.

Por algum sítio há que começar. Com todo o respeito pelo esforço e, até, a ideia de cada um, não é seguramente, pela multiplicação de jornais de “quinta”, alguns dos quais fazem lembrar o que de pior tiveram certos grupos da chamada esquerda-revolucionária. Apesar de tudo, consomem dinheiro, energias e expectativas. Ao menos, ponham-se os olhos em algumas coisas que já se fazem na Net. E pense-se em como sair da encruzilhada. No fundo, foi isso que se fez em 87. E o “**Combate**” foi o nosso contributo para encontrar uma resposta. Há 21 anos, estava o cavaquismo a atingir o seu auge.

Dezembro 2008

O COMUNISMO EM 6 ASSALTOS

Eduarda Dionísio

1 O avô, que tinha barbas brancas e há um tempo estava de cama, mas não para morrer, resolveu nessa tarde conversar com ele. Não era bem costume.

«Como sabes, não somos os únicos a querer mudar o mundo. Eu e tu não estamos sós. Conheço três maneiras de o fazer, só uma é boa. Não te vou dizer qual é. Nestas coisas, há três famílias: os anarquistas, os socialistas e os comunistas. Vê tu qual é a tua» – disse o avô.

Ele estava sentado aos pés da cama. A conversa tinha começado porque ele, ao chegar da escola, tinha perguntado: «O que é que é ser comunista?» E o avô pensou, antes de responder: «É melhor explicar-lhe, de uma vez para sempre, cravar-lhe na consciência e na memória uma lição que lhe sirva para a vida toda».

Da explicação, ele pôs os anarquistas para um lado e, por umas semelhanças quaisquer, sugeridas ou induzidas, agrupou socialistas e comunistas. É que o avô não tinha os cuidados que devia e que ele merecia, tal era o seu gosto e o seu amor pela liberdade.

Ele era um estudante aplicado e os anarquistas de que o avô falava assustaram-no: viu os seus cadernos escolares todos cheios de borrões de tinta preta. E, pensando, depois do lanche, nas outras duas famílias, reunidas para lhe facilitar as coisas, não o assustou menos a violência que, pelos vistos, era necessária para os últimos. Era a única diferença que lhe tinha aparecido clara nas palavras do avô.

Impôs-se a obrigação de escolher: se era possível sem mortes e sem chacinas fazer com que todos os homens tivessem o mesmo direito, para quê recorrer a espingardas e balas?

Só uns dias depois, já o avô estava convalescente e tinham posto uma pedra sobre o assunto por algum tempo, é que lhe veio aquela ideia: com uma razão forte, talvez; mas só em legítima defesa. Comunistas mesmo só poderiam ser aqueles que tinham sempre fome e viviam nas barracas para onde davam as traseiras. Ele não, que tinha sempre que comer em sua casa. E o avô, e a mãe, e o pai, e o irmão quando lá estava, nas férias da guerra para onde o tinham mandado.

Optou pela suavidade. Por uma transformação sem dor.

2. Nessa altura, ele já sabia ler bem e lia muito. Heróis, havia vários, quase todos de tinta impressa em papel. Havia os dos livros de férias, fosse o Pai Tomás, o da cabana, que era preto; o Tom Sawyer das aventuras, que era da idade dele; o velho que Hemingway pôs a lutar contra o mar muito tempo; o Evariste Gamelin de uma revolução francesa passada pelo século XIX quase XX; as gentes quase sem nome das Vinhas da Ira, nas Américas e das recessões. E havia os dos livros escolares: era longo no tempo, mas curto no pensamento, o caminho que separava a Joana d’Arc em batalha do Robespierre que alguns diziam que fazia rolar cabeças pelas escadarias – e havia de ter razões para tanta coragem.

Mas também havia os heróis de carne e osso – e desses falava o pai, de vez em quando, ao jantar: incendiavam palácios de governantes prepotentes, arrastavam multidões de camponeses com fome, pelos gestos e pelas palavras, e os camponeses matavam a fome com pão. Aprendeu cantigas que falavam da *Pasionaria*, essa que preferia morrer de pé, ouviu contar histórias da resistência francesa e dos judeus na Alemanha.

E o facto é que os socialistas não tinham heróis. Eram gente de pantufas que não produziam razões para viver que lhes bastassem, nem tinham segredos que fosse difícil manter junto dos inimigos. Eram um mar de sargaços onde saltavam rãs, que era um animal com pouca dignidade. Nem sabiam cavalgar, nem eram torturados.

Então, ele disse ao avô: «Mudei de opinião», sem que nunca lhe tivesse dito que opinião tinha antes.

Arranjou confirmações e abonações. Por exemplo, um Eisenstein passado em sessão mais que privada, o Maiakovski conhecido aos bochechos e que admirava desde as palavras às pontas dos cabelos.

Isto andava ele já em lugares que julgava mais clandestinos do que na verdade eram.

3. Começou a época dos espinhos. Não era só o avô que fazia de vez em quando passar umas suspeitas nas conversas em que o pai ficava geral-

mente calado, depois do jantar quase sempre, num tempo morto que havia antes do deitar. Também o irmão tinha regressado agora de outro continente, com muitos heróis em carteira. E esses em carne viva, mesmo.

Foi por esse tempo que soube do suicídio de Maiakovski, logo naquele princípio, e dos problemas que tinha levantado um Estaline pintado com bigodes, mas sem farda, por um pintor que passou, a partir de então, a ser burguês. Isto são dois meros exemplos de uma informação mais vasta, que ia desde a China à América, do Norte e do Sul, passando pelas Áfricas onde havia secas e terroristas.

Mas dúvidas, o que se chama dúvidas, não tinha propriamente. Nem consentia que a prática lhe estragasse a teoria. Sem ser propriamente filósofo, tinha lido alguns clássicos do pensamento ocidental e, em antologias, o essencial da segunda metade do século XIX, que pessoas preparavam para pessoas como ele. Eram novidades mais ou menos inquestionáveis, como evidências. A sociedade que devia existir, o quadro que ele conseguia pintar da felicidade, passava sem dúvida pelas abadias onde tudo era beleza e inteligência, onde havia uma organização racional do tempo e do espaço, e ócios criativos, e prazeres. Eram pequenas cidades de irmãos onde a igualdade reinava e as competências e aptidões de cada um eram previamente decididas e assumidas por todos.

Não tinha dúvida de que queria a igualdade total, como o direito à diferença; o triunfo da maioria, com o direito de tendência; o fluxo permanente das propostas e das decisões de baixo para cima e de cima para baixo, com o direito à crítica. E aí cada homem seria completo: além de tocar instrumentos musicais, saberia fazer contas, pintar quadros e lavrar os campos, numa solidariedade sem limites onde não eram precisos bombeiros – um viver comum onde ninguém fosse proprietário da sua própria casa e do seu próprio terreno, mas onde a todos pertencessem as ferramentas (materiais e de pensamento), um debate permanente, uma disciplina sem polícias.

E, nas aulas de Organização Política e Administrativa da Nação, teve que se bater com esta ideia contra o professor que dizia mesmo

que, na Rússia, só deixavam as pessoas ter de seu a escova de dentes e o pente e que retiravam as crianças às mães, talvez para as fazer desaparecer na Sibéria, porque eram demais para os recursos económicos que havia, por entre intelectuais e políticos um pouco menos ferozes.

«Tu és mesmo um comunista» – disse-lhe um dia o avô, quando ele chegou das aulas à hora do almoço. O pai sorriu, contente. E depois o avô: «Tenho de te contar umas coisas da Guerra de Espanha. Vocês sabem muito pouco». «As versões não são iguais» – disse o pai.

4. E, muito novo ainda, deu por si casado com uma mulher que era cristã, e com convenção antenupcial: tinham a mesma fé nos Homens, e a mesma vontade de fazer desaparecer desigualdades e injustiças. Havia cristãos que remetiam para depois da morte o paraíso, mas outros havia já, depois de Concílios recentes, que achavam que se podia começar a experimentar ainda em vida. Para a noiva cristã, a luta, mesmo que não se chamasse de classes (mas até admitia que sim, disse ela), existia e era legítima; e o prazer na terra como antevisão dos céus, também.

Ele explicou então aos amigos que a única diferença era esta: ele achava que, à partida, não havia homens maus, o mal era fabricado nas sociedades que nenhum deles queria, para o caso a capitalista; para ela, os homens tinham nascido com o pecado original, mas na vida de todos os dias, e nas campanhas eleitorais que iriam fazer os dois, essa diferença não se sentia. Os dois eram militantes de uma mesma causa. Os filhos não seriam baptizados, ele livrá-los-ia, aos pobres inocentes, do unto dos padres. Ganhou e casou.

Algum tempo depois, quando já havia alguns partidos com nomes muito parecidos, reparou que havia quem se tivesse apropriado da palavra «comunismo» que ele julgava sua. Sentiu-se roubado. O avô já tinha morrido. Ele já não vivia nem com pai, nem com irmão. Até já se tinha divorciado e vivia numa casa com alguma gente, tudo um pouco desirmanado à espera de batalhas. Estava a ser roubado por vários lados, até mesmo dentro de casa.

O partido mais importante que punha o comunismo no nome tinha-se abruptamente esquecido da Cidade dos Irmãos, que sempre seria o fim último da sua vida e, como sempre tinha julgado, de muitos amigos seus. E não podia olhar para os militantes e sobretudo para os simpatizantes e eleitores desse partido sem pensar na tropa, no passo de ganso, nos luxos mais ou menos asiáticos do metropolitano de Moscovo, dourado e espelhado em nome do povo, nas mortes pela calada, no rasgar das páginas da história.

E, um dia, foi pedir contas ao pai dos silêncios da sua vida. Encontraram-se num café, entre as duas reuniões de cada um. E o pai disse que não se podia ser nem ingénuo, nem irrealista, nem aventureiro, que a violência não conduzia a nada, excepto em certas circunstâncias que as condições não estavam reunidas, que o inimigo espreitava por todo o lado, que nem tudo o que era democrático era bom, porque o povo não estava devidamente preparado e era manipulado por burgueses e pequeno-burgueses, que se devia pensar era na economia, as artes e a cultura não passavam de umas flores por vezes necessárias, ficavam bem nas salas, e que o que lhe fazia falta a ele era ter vivido tempos mais duros; que não se podia querer tudo para amanhã, que primeiro era dar cabo dos restos de fascismo – e aí a unidade era muito fácil – e depois logo se pensava em extirpar o capitalismo que não era bem como alguns diziam do imperialismo um tigre de papel, fala a experiência meu filho. E para terminar: há fins que justificam os meios, como sabes.

5. Então ele recolheu-se, pelo menos em aparência, e sem deixar aquela espécie de comunidade heterogénea e leviana em que vivia, instalada agora num prédio ocupado. Melhor dizendo: pediu albergue à família do lado. Era socialista.

Claro que mantinha os seus heróis de adolescência e a sua planificação do paraíso e acedeu a chamar-lhe agora «utopia». Remetia, não as lutas, mas os verdadeiros aliados, para as calendas. Pôde finalmente classificar-se em público. «Socialista», não do socialismo real, mas do

verdadeiro. Nas conversas de café, de sindicato e de partido, foi capaz de fazer aproximar de si o futuro até ao horizonte possível – o que lhe deu bastante satisfação. Ainda por cima, ficou com mais consideração por si, porque era um político finalmente: podia pensar «comunismo» (o seu), cada vez que num comício dizia «socialismo». E tinha a certeza que era pronunciando essa palavra «socialismo» da maneira que sabia, que defendia o que pensava. A fronteira era feita por aquela palavra e pela maneira de a dizer, tão clara como a outra que ele tinha abandonado, desde que pensasse sempre em Revolução. E banuiu, para ficar certo consigo, «evolução», «mudança», nos contextos que é fácil de calcular. Riu-se das conversas com o avô, tão antigas.

Conseguia estar com os que faziam coisas pequenas e a sua cabeça era um mosaico de iniciativas que ele entroncava com facilidade na sua utopia, esse projecto de sociedade em que cada um era dono do seu destino e para quem a imaginação contava tanto como o saber fazer, fosse em madeiras ou em escritas, em que cada um não tinha perdido a memória, se entusiasmava com a liberdade de sentimentos, de acções e de pensamentos, e não odiava o quotidiano que ia construindo, e combatia a exploração onde quer que ela insistisse em aparecer.

Mas, quando se tratava de amores, encontrava-os por vezes, em grandes fascínios semi-traidores, por outras bandas.

6. Foi no casamento de uma tia, já serôdia, que voltou a encontrar o irmão, depois de muitos anos. Os convivas iam desde os leninistas passados a liberais até aos primos de província, pequenos comerciantes, votantes no povo-unido-jamais-será-vencido, porque, esse, sim, dava segurança e não lhes tiraria nunca os seus poucos bens, nem por impostos sociais-democratas nem por colectivizações exageradas.

O irmão falou-lhe de realismo. E daquilo de não ser preciso andar como ele com o socialismo na boca a torto e a direito para ser socialista e se dar conta que há um socialismo real. O irmão gostava da imprensa americana porque dava oportunidade a todos de dizerem

o que queriam e gostava até um pouco da sociedade americana porque o cidadão podia defender-se nos tribunais. Para viver, preferia os países nórdicos pelo seu sossego e por cada um ter a vida privada que entendia. E acrescentou: «Para ti, por exemplo, é o ideal. As tuas excentricidades e ingenuidades nunca seriam condenadas».

E foi com uns copos a mais, já deitado, sozinho numa cama que não era a sua, quase ao outro dia, que se deu conta de que, há muito tempo já, lhe tinham roubado também essa outra palavra de que se tinha socorrido. Reafirmou quase a adormecer que o seu desejo não era, como nunca tinha sido, repartir a crosta da terra em pedacinhos pequeninos e iguais por todos os habitantes, nem vestir os homens e as mulheres todos com uma bata cinzenta com botões de ouro. A única iniciativa privada que tinha conhecido e que sempre tinha desejado, era a das ideias e das obras que subvertem os espaços e incomodam quem está bem instalado na podridão.

E, enquanto adormecia, chegou-lhe a voz do avô: «Há os anarquistas, os socialistas, os comunistas, tu é que tens de saber qual é a tua família».

Só nunca tinha percebido como é que este avô, de quem tanto gostava, com hábitos sempre tão regulares, tinha conseguido ser toda vida anarquista.

Novembro 1988

TEMPO PARA OS AMORES

Fernando Alves

Tivesse coragem, começava do zero, mas como dizia meu pai, gente de orelha grossa é preguiça pura. Mais que faço é almoçar e jantar muito bem e borrar de medo e tudo.

Adélia Prado, in «Solte os cachorros»

Eu amo os lugares onde se trabalha pouco e os dias são cheios. Não estou a pensar em equinócios: falo apenas de dias lentos e muito ocupados, sem porta de fundo para a ressaca. Esses lugares existem, eu estive lá. Ficam a sul, é sim.

O sul, sem dúvida, também tem os seus nortes, suas mortes. A hora de ponta no Cairo é um inferno. Os elevadores avariavam muitas vezes em Luanda. Sentemo-nos, então, um pouco. Ou mesmo um pouco mais.

Nossa vida pendurada em mil subsídios, nossa vida subsidiária, está na hora de ir à tesouraria levantar o bago das férias. Depois é ir embora para um qualquer fingido sul onde, como o senhor Palomar, perderemos a paciência. Nossa maneira complicada de observar as ondas.

Em Agosto, erguemos um altar ao tédio, e não morremos de desgosto. Fomos treinados para essa condenação: só há férias no império do trabalho. O trabalho é o ócio do povo.

Não tenho qualquer teoria a esgalhar. Espero essa «sociedade do lazer em que toda a gente está disponível», a utopia leve para que nos desafie Agostinho da Silva, a ideia de «não termos profissão nenhuma». Desesperante espera. Dá uma trabalhadeira desenhar a preguiça.

O grande paradoxo deste tempo de *yuppies* do tédio pós-moderno é esse: qualquer sacerdote exhibe, na discoteca da moda, o mais aparelhado manual da diferença: e logo corre, pressuroso a picar o ponto. E, todos juntos, os sacerdotes erguem, afinal, a igreja da indiferença. Não cai uma pedrinha no grande charco da apatia.

Agostinho da Silva, ainda, sentado debaixo da árvore (que é onde se senta a sabedoria): «Acontece, entretanto, que se uma pessoa está

apaixonada por uma certa tarefa, ela trabalha». Trabalhar, de «trabalhar», andar medindo o campo com um utensílio...

Quando eu era miúdo, lá no sul do mundo, íamos todos os dias do ano, a pé, até à praia. Íamos devagar, as cidades tinham sido feitas para vivermos nelas. Dávamos razão ao poeta: «Havíamos nascido para não morrer nunca». Havia tempo para os amores, para os ofícios, para as conversas.

Um ombro para a nostalgia, venha ele. Mas não é só isso. Os mangonheiros do sul sabiam na pele que a preguiça é que é criadora. E que os ócios não são organizáveis, com agenda.

Nunca fiz tantas coisas na vida como nesses lugares onde se trabalhava pouco. Passa-me ao lado a nova treta tecnológica. Mas a treta, com o seu poderoso *marketing*, anda aí a abrir portas para um «paraíso» que não vislumbro possa ser um mundo tranquilo de recolha, partilha a invenção.

Há vinte anos, num livro que andou aí, vendido ao quilo, *only in America*, Harry Golden pintou o retrato da *Idade da Preocupação e da Pressa*: «Hoje em dia não há ócio. Toda a gente corre de um lado para o outro. E quando um indivíduo consegue, após muito esforço, chegar ao clube onde pode gozar de alguns momentos de ócio, passa todo o tempo aborrecendo aqueles que, como ele, tentaram chegar ao clube. Na realidade, não goza de ócio algum. Tem medo, um medo terrível, de acordar um dia e não se sentir exclusivo. Isto pode originar-lhe úlceras, mas não lhe proporciona ócio».

Sentado na esplanada, o senhor Palomar talvez sublinhasse, com um olhar ausente, esta passagem da Era do Vazio: «Alguma vez se terá organizado, edificado, acumulado tanto e, ao mesmo tempo, alguma vez se terá sentido tanto a paixão do nada, da tábua rasa, do extermínio total?»

Palomar caminha junto às ondas. O deserto cresce, avisa o outro. Palomar perde facilmente a paciência.

Julho 1989

PARAÍÇOS PERDIDOS

Homenagem a Mário Pinto de Andrade

Mário Brochado Coelho

*perguntei à saudade / qual era a dor mais sentida /
ela me disse em voz alta / o apartamento da vida
os únicos paraísos são aqueles que perdemos.*

Agora que te foste embora, apetece-me recordar o modo como te conheci. Procurámos-te, eu e a Isabel, num apartamento emprestado de Paris. Os anos 60 terminavam e todo o cuidado era pouco. Não havia segurança nas ruas de Paris para um angolano e dois portugueses com encontro marcado. Era como se a PIDE estivesse em todo o *Quartier Latin* e nos vigiasse ao longo das margens do Sena. Na Ile de France, finalmente abriu-se uma porta (disseram-me mais tarde que no andar superior habitava a Michele Morgan...) e vi-te pela primeira vez. Ali estavas, tal como sempre foste: os olhos ávidos de vida, a timidez a marcar a voz e os gestos, uma imensa sensibilidade face às coisas e às pessoas.

Logo sucedeu o que poucas vezes acontece: senti que, afinal, já nos conhecíamos há muito e que íamos retomar uma velha conversa inacabada. Não houve que traduzir os gestos, os sentimentos, os desejos, os medos, as vontades, porque falávamos a mesma linguagem e pertencíamos ao mesmo universo. Só o meu imenso respeito de jovem perturbou o «reencontro» dando-lhe um toque de nervosismo e embaraço. Nesse momento, porém, era evidente para mim que, na vida, tudo valia a pena e era possível.

«Conspirámos» o necessário e o previsto. Havia que construir a coerência da defesa política e judiciária do teu irmão Joaquim, conferindo-lhe também a desejada eficiência face aos objectivos da luta anticolonial.

Esgueirámo-nos pela noite parisiense em busca de contactos possíveis que pedra por pedra construirás. Movias-te num quadro de inteligência e abertura que nunca conhecera até então. Jamais Paris foi para mim algo de tão quotidiano e fraterno como nesse dia.

E quanto falámos de Angola, dos angolanos, dos sonhos urgentes de dignidade e liberdade! Quanto nos sentimos irmãos e amigos! Como

era bom saber que a solidariedade existia! Como era terrível o peso do «inimigo» e a dificuldade das lutas empreendidas!

Recordo-me que este primeiro encontro continuou, dias depois, em Bruxelas. Uma família da aristocracia belga que fazia uma admirável simbiose entre os seus altos dignitários da Igreja Católica ou membros da corte real e o povoamento permanente da sua casa pelos mais diversos «heróis» do meu imaginário de sempre. Disseram-me: onde estás a dormir, dormiu Camilo Torres... E novamente levámos por diante a nossa «conspiração». Havia que levantar o braço em defesa do Joaquim, de Angola, de África, da liberdade, da dignidade, da vida. Foi pela tua mão que recebemos o abraço encorajador de muitos homens como, por exemplo, François Houtart — tenho a certeza que ainda há homens como este, ou como Robert Davesies, ou outros! Foi pela tua mão que chegou o assentimento e apoio de Agostinho Neto. Mas foi também pela tua mão que, em conversas cada vez mais íntimas nos cafés de Bruxelas, fomos aprofundando a alegria de viver uma convicção apaixonada. Contigo gerámos a ousadia de se proclamar no Tribunal Plenário de Lisboa que o Joaquim, teu irmão, estava a ser «vítima desde 1959 de uma feroz e destruidora perseguição de índole racista, conduzida sistematicamente pelas autoridades governamentais portuguesas e pela polícia política».

Angola era a tua paixão.

Angola e a verdade.

A arte de fazer política sem esquecer a cultura, de intervir sem espectáculo promocional, de lutar por objectivos sem cotação na «bolsa de valores», de transformar a vida de todos os seres humanos numa imensa exigência de humanidade para cada um...

Mas, agora, foste-te embora de vez... Não haverá mais reencontros... Não haverá mais Mários como tu...

Quem contará para a História tudo o que viveste pelas partidas do mundo? E quem saberá descrever-te com a poesia e a ironia que enchiam as tuas experiências de luta?

A tua súbita partida não passa, afinal, de mais uma clara demonstração do absurdo. Tal como o jovem Camus em Bouzareáh, ao ouvir os lamentos pela morte de uma criança árabe, mais não poderemos fazer do que verberar, de novo e sem descanso, o silêncio dos deuses face à tua morte e ao teu sofrimento.

Espero que te deixem repousar nessa Angola adiada.

Outubro 1991

A ALAVANCA DO DESEJO

Francisco Louçã

1. A POLÍTICA NÃO É UMA DEDICAÇÃO, É UMA CARREIRA

Assim o entendem o grosso dos políticos, e assim se faz uma intervenção que é centrifugada pelo Estado. O poder estatal, a influência aparelhista, o jogo dos lóbis, o realinhamento das cliques, a disposição da influência na imprensa, essas são as peças deste xadrez que, na ausência das fulgurantes e momentâneas contestações populares, ilustra a política como um jogo de cone. Essa carreira é, então, também ela, um desejo – não só um desejo de acumulação rápida (Fernando Gomes sai do conforto de Estrasburgo para ganhar quatro vezes menos na Câmara do Porto), mas antes um desejo de poder (os pequenos burocratas do Leste não defendem tanto a sua bolsa como o poder de ordenar o trabalho, a vida ou a segurança de outros), até de saber (o coração do aparelho de Estado acumula informação, conhecimento, capacidade de actuação, relações).

A responsabilidade e a vontade têm duas lógicas infelizmente distintas e mesmo divergentes – dizia-me com seriedade um secretário nacional do PS. Vontade não nos falta, mas a responsabilidade tolhe-nos os movimentos, traduzir-se-ia em linguagem popular, que o historiador a isso há-de chamar acordos com o FMI, governos de gaveta, ministérios com o CDS e com o PSD. A vontade seria então o sonho do maximalismo, teria as asas do desejo; a responsabilidade seria o terra-a-terra do continuismo servil, do acomodamento às realidades feitas. O que sobra no meio disso tudo? A carreira, a imagem, o espectáculo.

Estamos em Portugal, em 1990.

2. A POLÍTICA NÃO É UMA CIÊNCIA, É UMA ARTE.

Porque à ciência se vai pedir de empréstimo o rigor das demonstrações, a certeza dos resultados, a confiança no inevitável: assim como uma certa ciência positivista, o fulgor do espírito burguês, garantia que nada mais se passaria do que a revelação do facto – o facto, a coisa – assim uma política estabelecida garantia que nada mais restaria do que indicar um caminho estreito por onde todos deveriam passar, normalizando a sociedade a escolhas ponderadas e de bom senso. Aí se diluíram as diferenças, como se a governação de uma força de situ-

ação ou de oposição fossem dois simétricos do espelho – a esquerda institucional paga essa factura, e uma outra está a surgir agora a toda a evidência, e é o desleixamento eleitoral, o desprezo pela representatividade, o desinteresse pelos domingos parlamentares e autárquicos. Por duas vezes ficou feito o aviso, nas europeias e nas autárquicas, outros se seguirão.

Esta ciência tentou convencer-nos de que a virtude está no meio, que a rotação é como a Terra, que a alternância é a lei da vida e da morte com uma pitada de ressurreição à mistura.

3. MAS A ARTE TAMBÉM NÃO É SÓ UM DESEJO, É UMA ANTECIPAÇÃO.

Antecipação do presente – e é uma utopia -, do futuro – e será uma esperança -, de si próprio – e será a sinceridade do artista. Não existe desejo mais ardente e mais sincero do que o do escritor que protesta, dizendo. Quando o romance deixou de ter o espartilho formalista, e passou a ser Joyce ou Proust, estava de novo mais próximo do ser humano na sua individualidade e na sua sociedade, na história concreta das relações e dos conflitos. É a Grosz e a Schoenberg que se deve, na caricatura e na música, a mais vibrante crítica à sociedade do seu tempo. Antecipando o humano integral, é uma política que aí se propõe: a que se pode opor ao carreirismo em ciclo vicioso, às certezas construídas nos grandes edifícios irrefutáveis da civilização burguesa, o socialismo encontra raízes noutros lugares. E por isso foi crismado de utopia.

Pode daí retirar-se outro comportamento, até outra política? A demonstração está por fazer. Mas o desejo – do outro, de outro mundo – é a única inspiração de uma sinceridade que alguma arte foi sempre descobrindo, e de que os grandes movimentos sociais foram sempre protagonistas. É portanto no comportamento que se procura essa coerência, na intervenção social que se busca esse movimento. Antecipação, é disso que se trata – e nesse sentido, é uma política de vanguarda.

Antecipação do desejo, então, com uma alavanca move-se o mundo.

Fevereiro 1990

A DIFERENÇA ESTÁ NO PODER

Andrea Peniche

Li há dias na revista do Expresso uma reportagem que abordava o tema das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Num tom elogioso para as mulheres demonstrava-se como apesar do cérebro do homem ser maior, o da mulher conseguia ter mais neurónios. Mais uma vez, como se vem tornando hábito, a ciência invade-nos a casa e com argumentos, linguagens e experiências tão distantes da nossa compreensão, impõe-nos certezas sobre as coisas. E aí de quem ouse desafiar o discurso da ciência, porque contra factos científicos, não há argumentos.

A referida reportagem dedicava-se a provar que os homens e as mulheres são biologicamente diferentes. Mas isto não é novidade para ninguém. Basta ter dois olhinhos na cara ou duas mãozinhas sensíveis que não há ciência que possa desmentir uma tão empírica evidência. Porém, o paradigma da diferença caracteriza-se pela enfatização física e psicológica de que a mulher é diferente, num plano de sobrevalorização e não de mera constatação dessas diferenças. O discurso da diferença pega exactamente nessas diferenças biológicas para as transformar na matéria-prima que justifica a atribuição de papéis sociais diferenciados para homens e a mulheres.

Mas devemos parar e prestar alguma atenção no discurso que também a ciência produz e que está longe de ser neutro. Para que serve esta constatação, de que os homens e as mulheres são biologicamente diferentes? Para muitas coisas. Umas mais interessantes que outras; umas mais perigosas que outras. E uma das suas utilidades é exactamente servir de suporte teórico para as teorias da diferença. Se somos tão diferentes, é natural que as relações entre os sexos também sejam marcadas por esta diferença. É natural que os papéis sociais dos homens sejam diferentes dos das mulheres. E é natural que a construção de uma identidade feminina consista na exploração dessas diferenças.

Porém, nada disto é natural e há que recolocar o problema. Temos, antes de mais, que distinguir entre aquilo que são relações de sexo e de género.

As relações entre os homens e as mulheres não assentam nas relações de sexo ou biológicas. As relações entre homens e mulheres são relações

sociais, isto é, são relações de género. E são as construções sociais, e não o facto de a ponte que faz a ligação entre os hemisférios do cérebro ser maior na mulher, que sustentam a opressão. O que determina que pelo facto da mulher poder gerar filhos deve ter como principal função social cuidar deles não é a biologia, mas as construções sociais. O que diferencia os homens das mulheres são as relações de poder e não a biologia ou a anatomia.

O conceito de género surge no feminismo para se posicionar contra o determinismo biológico e para colocar como eixo de discussão das relações entre homens e mulheres as relações sociais e de educação. Assim, e contrariamente ao que dizem as teorias da diferença, as relações entre homens e mulheres não são de complementaridade, mas antes de poder. As causas da opressão das mulheres são económicos, culturais e sociais e, na história da opressão, não há determinismos. O discurso da diferença é um discurso perigoso porque preconiza a manutenção dos papéis sociais diferenciados e opressivos.

Nenhuma mulher nasce biologicamente determinada para ganhar salários mais baixos. Ser mulher é uma construção social na qual nós podemos muito pouco. Como diz Simone de Beauvoir, não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres.

Outubro 1998

CRAVOS E ROSAS EM BODAS DE PRATA

Cecília Honório

Estava eu farta de ver Deus entre os lábios doces de Clinton e os dentes simétricos de Schwarzenegger, estava eu para aqui farta de ver o primeiro nos músculos sobrenaturais do segundo e andava consoladita com a simbiose dos heróis que filtram o bem do mal, confiante nestas paternidades viris e reabilitadoras da moral ocidental, quando me cheirou que, este ano, os cravos podiam não ser de estufa...

Não que os aniversários e as efemérides me comovam por aí além... As passagens de ano soam-me mais a estertor do que a iniciação, àes-catologia seduz-me lá mais para trás e este final de milénio forçado irrita-me, irritação agravada pelo bloqueio antecipado das maternidades para a primeira noite de dois mil, ou pelos registos alemães afogados em pedidos de casamento para a próxima capicua do século...

Apesar dos meus amores confessos aos tempos, ainda confesso que resisto às datas com alguma arrogância, até mesmo à do meu nascimento (que eu bem que gostava que tivesse sido com o cair da folha e não com o calor de Verão e a malta toda pegajosa...) e se as pequenas efemérides me comovem pouco, as grandes, como as bodas, ainda menos, até por serem facilmente associáveis à prata, ao ouro, ao diamante do casamento, domínio onde resulta difícil ultrapassar o calcário nacional... E este ano o vinte cinco de Abril fazia vinte e cinco anos e havia bodas de prata?...

Diferentemente do 1º de Maio que, de Chicago até hoje, é uma festa com fronteiras e memórias, de há muito tempo a esta parte que as comemorações do 25 de Abril me deixam mais irritada do que a passagem de ano, ou o meu aniversário, e estava mesmo convencida que o cravo vermelho era um símbolo genuíno da genuína social democracia e o estertor do cravo equivalente ao traque da rosa bem ao nível da complexa dependência matrimonial, tipo ele a dizer-lhe, «cheiras mal, querida!...» e ela a ripostar-lhe, «é só no pé, filho, que em cima ainda estou arrebitadita!, e tu, murcho como um corno de chocolate no Verão,.querido!», e por aí fora num clima de desodorizante ambiente que nem o Schwarzenegger precisa e eu já tinha decidido que vinte e cinco anos, são só mais cinco que vinte e menos cinco do que trinta, e mais e

menos, quando me apercebi de uma apetência colectiva instalada para comemorar as bodas a sério. E houve surpresa.

Eu que até já tinha dito bem alto que o PS «que está no céu» bem precisava destas comemorações cá na terra até porque o PS a «quem é feita a sua vontade» se não tem o namoro do PC para lhe ocultar os problemas de lateralidade, precisa de uma procissão memorável, e 25 de Abril em bodas de prata dá um jeitão em ano de eleições (e até nem se estranha os gastos do Alberto João na Madeira neste quadro de disputa democrática pela ocupação de um espaço deixado à esquerda... pelo fascismo?...)

E andava eu com esta desconfiança toda quando me deixei convencer que este ano o 25 de Abril até podia ser em Portugal, mas aqui ou ali...

A «sã convivência» que enche os nossos corações e os nossos espíritos domingueiros poderia ter-nos norteado nesta escalada de comemoração de quarto de século em final de século, mas aqui ou ali, nem todos estiveram de acordo, aqui ou ali assumiu-se a responsabilidade da memória contra a anestesia geral do presente, aqui ou ali, os mais jovens começaram a conversar sobre estas coisas de uma forma que senti diferente.

Passaram-se algumas coisas e recorde, dias depois, as mais domésticas.

Lá na escola, alguém roubou todos os cartazes alusivos ao 25 de Abril que se encontravam na sala de professores, um escândalo. Ainda alvitrei, em nome da minha ambígua ligação a Sherlock: «parece-me um roubo temático... pela fobia, ou pela paixão, procure-se o ladrão!!» Animei-me com aquilo porque das duas, quatro: ou havia algum feroz/oso/a colecionador/a de cartazes do 25 de Abril, ou as comemorações que alguns/algumas colegas estavam a levar tão a sério perturbavam alguém e se perturbavam é porque o 25 de Abril ainda hoje pode ser vivido como uma fronteira.

Mas passaram-se outras coisas. Lá na escola, o major Tomé foi ouvido e agraciado, pelos mais velhos, em espírito de consenso e como

se, aliás, não passasse de um pergaminho raro e a desfazer-se (e não que não se visse bem que estava vivo, atente-se!). E deram-lhe cravos vermelhos que ele distribuiu aos mais novos que até lhe tinham feito algumas perguntas que não estão nos cadernos de exercícios. E isto, podendo ser dinossaurico, pareceu-me iniciático.

Mas foi lá na escola, ainda, que a minha presidente de comissão executiva, a mesma que na reunião para a constituição de mesa eleitoral dizia, «a gestão democrática acabou...» - lapsozitos que qualquer Freudezito explica e até não é que ela não tenha razão...- também, diria exultante a propósito dos cravos vermelhos: «são sagrados para mim!»... E eu a imaginar que o Primeiro até podia entrar pela sala de professores dentro e o regaço luminoso e diáfano abria-se e ouvia-se, «são cravos, Senhor, são cravos!... E eu baralhada pelo desejo dos cravos vermelhos para mim, para estar naquela coisa do «começar de novo» e nem é só «contar comigo»...

Estava quase a desistir quando vi colegas, mal ou bem nascidos a vinte e cinco, vibrarem e abrirem com alegria e compromisso e, então, ouvi muita poesia lida e declamada pelos alunos, ouvi a força do Zeca através da voz das minhas alunas, vi a recuperação das memórias dos mais velhos pelos mais novos em trabalhos que se converteram em orgulho de uma escola na Musgueira, assim como podia ter visto alguns livros novos em escaparates velhos, ou podia ter ido ao Seixal, ou podia, como pude, ver coisas novas em jornais menos novos, ou...

Eles que se lixem, ainda penso no dia 26, talvez no ardor da ressaca, não fossem os artigos do Santos Pereira sobre os funcionários da televisão jugoslava convertidos em alvo legítimo, ou as crianças albanesas a desenharem, no ecrã da televisão, a guerra (e é necessário que aquilo passe o vidro onde se mexe?), ou o Xanana a levar com o *honoris causa* pela Lusíada, até pelo, seu amor à língua portuguesa... Bom, no dia 26, pensei, de ressaca, mas sem ardor para falar verdade, afinal, que se lixem! Quiseram tanto comemorar as bodas de prata entre o cravo e a rosa, mas afinal os cravos ainda podem ser distribuídos e cheirados e gritados e cantados e comidos, sem ser por causa das bodas de prata!...

Mas é que a 27 ainda me detenho entre a fusão e a fuga, entre a crença e a desconfiança. Afinal, que Abril é este?

Será este Abril como o do culto do galo de Barcelos e tanto dá que seja bodas de prata como procissão? Ou será este Abril da resistência e da mudança, da actualização dos projectos e das atitudes de esquerda, da reinvenção de uma ética plural? Ou será este o Abril que não temeu, aqui e ali, que o passado se entornasse nele como presente e distraísse, ao menos por um dia, a onnipotência do culto do presente? Ou será Abril a vaca leiteira exclusiva de intelectuais lustrosos, ou de seitas com nome de partido? Ou será este Abril a derradeira possibilidade das frutas de plástico e das flores de plástico converterem o abril de que nos lembramos numa não-existência, ou num espaço privilegiado da arqueologia rosa-laranja? Ou de que Abril é que nos lembramos? ou ele é apenas porque nos lembramos, ou está a ser reciclado, ou?...

As dúvidas ficaram, mas o desejo de abrilar, também.

Maio 1999

OS DERROTADOS DA REVOLUÇÃO

Inês Fonseca

Em tempos de comemorações e branqueamento da História, têm sido muitas as versões sobre os acontecimentos de 25 de Abril de 1974, o período de 48 anos que o antecedem e os anos que lhe sucederam imediatamente.

Ficámos todos a saber que Salazar era um antifascista, que a PIDE trabalhava sempre dentro da legalidade, que os heróis de Abril se resumem a um grupo de militares, que o 25 de Novembro veio pôr fim a um período de «terror» que vivemos em Portugal, que se o 25 de Abril não tivesse existido estaríamos exactamente como estamos hoje, etc., etc... A acompanhar estas teses, também nos é apresentado o argumento de que as coisas nem sempre são a preto e branco, também as há cinzentas (e de várias tonalidades).

E como o mundo não se divide em bons e maus, ainda bem que soubemos viver em liberdade, sem cairmos nos excessos da mesma (!). O facto de ex-membros do governo do Estado Novo assumirem agora novos cargos, ou de os pides terem tempo de antena nas televisões, constituem sinais da nossa democracia tolerante. Pelo menos é o que tentam impingir-nos.

Sejamos claros: um pide é um pide! Mesmo quando até teve um primo envolvido nas lutas estudantis ou um tio preso político. As condutas de uns não servem para ilibar os outros. E os pides acusaram, prenderam, torturaram e mataram pessoas, pelo delito de expressarem a sua opinião. Claro que existiam leis pelas quais se regiam, o que não quer dizer que essas leis fossem justas ou que não possam ser questionadas. Felizmente, houve quem o fizesse antes do 25 de Abril e é bom que assim continue a acontecer.

Nos tempos que correm qualquer torcionário pode chegar à frente das câmaras de televisão, entrar nas nossas casas e afirmar que se limitava a cumprir ordens (como se aquele fosse um emprego qualquer) ou, então, dizer que tudo o que fez estava previsto na lei.

Como se isto não bastasse, ainda temos de assistir à sua apresentação como «aqueles que foram derrotados pela revolução». Mas derrotados como? Não foram acusados nem julgados de nada, não cumpriram

qualquer pena, continuaram a viver serenamente (em Portugal ou no estrangeiro) e a trabalhar nos seus novos empregos, agora recebem quase todos as reformas a que qualquer trabalhador tem direito, alguns até foram condecorados por bons serviços prestados à pátria. Não foram maltratados (de forma sistemática, como fizeram a outros), não passaram fome (como muitos) e ainda têm direito a tempo de antena.

Se pensarmos que são assassinos, indivíduos de mau carácter e que não merecem a menor consideração e confiança, podemos perguntar: mas o que é que querem mais? Custa-me imaginar o que possa ser: já têm tudo. Inclusivamente, situação verdadeiramente escandalosa, é a palavra desta gente que tem valor para as nossas instituições. O facto de uma televisão privada os apresentar como vítimas é discutível e, se não gostamos, podemos sempre boicotá-la (felizmente, pela televisão, os pides só entram em nossa casa se os deixarmos). Agora, o mesmo já não acontece quando, cumprindo a Lei 20/98, que prevê a atribuição de complementos de reforma para os presos políticos e clandestinos, os serviços da Segurança Social exigem um comprovativo da contagem do tempo em que as pessoas estiveram nessas situações e esse comprovativo é a palavra dos pides.

Isto não podemos aceitar e temos o dever de o denunciar. Imagino que quem pensou e fez esta lei não sabe o significado de prisão política ou clandestinidade. Espero que seja essa a razão (custa-me pensar que se trata de um caso de pura falta de respeito) para que se peça a alguém que apresente provas de um tempo da sua vida em que é suposto ter tido uma vida secreta (que dependia, por segurança e eficácia, da inexistência de provas). Como as ditas provas não existem, foram substituídas pelas informações dos processos individuais do Arquivo da PIDE.

É desta forma que o Estado português pretende compensar os indivíduos que resistiram e combateram a ditadura, através das «provas» daqueles que os reprimiram. Mais uma vez, é a palavra dos pides que se sobrepõe.

Imagine-se: um indivíduo fugiu à PIDE, para não ser preso, assim se manteve durante anos, a PIDE apenas sabe que ele desapareceu e que nunca o conseguiu apanhar (não existindo, por isso, quaisquer registos da sua condição de clandestino), durante este tempo ele trabalha ilegalmente e não faz os devidos descontos; apesar de a família poder confirmar o tempo que ele viveu nestas condições, não se prevê na Lei que isso aconteça...

É caso para nos perguntarmos: quem são as vítimas?

Maio 1999

MÁ SORTE TER SIDO PC

Júlio Pinto

Ao que tudo indica, Heliodoro S. foi militante do PCP durante mais de um século. Esteve preso cerca de 43 anos, participou activamente em 4 824 reuniões, distribuiu 72 828 panfletos e colou tantos cartazes que ficou mais pedrado do que um gaseado da batalha de La Lys.

Devido à sua actividade missionária em prol do proletariado, do campesinato e da pequena burguesia urbana, Heliodoro S. recebeu insultos de três chefes de governo, duas medalhas Stakhanov do Trabalho e uma Ordem de Lenine para o Socialismo, que não chegou a cumprir por manifesta falta de meios.

Heliodoro S. visitou 35 vezes a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e 17 vezes a também então República Democrática Alemã. No decorrer das visitas, foi reiteradamente osculado por Estaline, Kruchov, Brejnev, Andropov, Gorbachov e Honecker.

Heliodoro S. educou, enfim, sucessivas gerações de lusitos no respeito pelo Povo, pela Pátria e pelos oito pontos da Revolução Democrática e Nacional.

Agora, Heliodoro S., paradigma do antifascismo pelo menos desde 1383, expeliu-se do Partido. Saiu, desarriscou-se, foi à vida.

Para uns, Heliodoro S. vendeu-se à burguesia. Para outros, passou-se da cabeça, atingido por um fragmento do Muro de Berlim precisamente na zona do cérebro que acolhia a teoria científica da inevitabilidade da ditadura do proletariado. Outros ainda sustentam que Heliodoro S. foi descobrindo, penosa e lentamente descobrindo, a grande mentira do século, a vertigem do assassinio e da repressão organizados, o insustentável peso de um universo concentracionário.

Todos se preocupam em catalogar Heliodoro S. Traidor social-democrata? Agente da CIA finalmente desmascarado? Radical pequeno-burguês de fachada socialista?

Círculos policiais do Partido, naturalmente bem informados, garantem que Heliodoro S. foi visto numa sala de cinema outrora frequentada por Zita Seabra, que não perde um programa televisivo dos

Albarrans que cantam, que na passada quinta-feira empurrou uma velhinha para debaixo de um camionista – alguns semicírculos asseguram que se tratava, não de um camionista, mas de um camionista TIR, tipo Graça Moura.

Mais afirmam que Heliodoro S. sempre teve um comportamento estranho, falou na prisão, mijava nas calças e nunca aceitou verdadeiramente a teoria da pauperização absoluta do proletariado.

Heliodoro S., segundo as mesmas fontes, lia às escondidas Débord, Basaglia, Cooper, Vaneigem, Lipovetsky, Baudrillard, Alberto Pimenta e a revista Super Som, de orientação claramente pró-Tio Sam.

Adensam-se assim as dúvidas sobre o passado vermelho de Heliodoro S., embora haja todas as certezas acerca do seu futuro negro.

Sosseguem, entretanto, os espíritos mais curiosos. Domingos Abrantes, José Casanova ou Vítor Dias tudo esclarecerão em breve.

A não ser que caíam entretanto em desgraça e a direcção do Partido publique os seus textos no «Avante!», substituindo o nome de Heliodoro S. pelos deles próprios.

Abril 1992

A POLÍTICA DA LOUCURA

José Manuel Morais

1 Com o advento das sociedades industriais, a loucura passou a ter o estigma de todos os estatutos e estados não produtivos. Reduzido à condição de peso morto, que a família já não pode, e não quer suportar, e que o Estado não sabe e não quer integrar, o cidadão «louco» desceu à condição de coisa, guardada em armazéns especiais chamados manicómios. Em boa verdade deve dizer-se que os hospitais coevos não eram muito melhores.

2. O louco passou para o outro lado da escala, abaixo de zero, pois que se o homem é definido como animal racional, o homem destituído de razão passa a ser apenas um animal. Com a desvantagem de que não pode, porque mantém a forma de homem, ser tratado como um animal, que participa, nem que seja com o corpo, no processo produtivo.

3. O louco deixou de ser aquele que comunicava com os deuses, o inocente a quem tudo se permitia porque lhe tinha sido retirada a faculdade de ajuizar o valor dos seus próprios actos.

4. Por outro lado, e pela sua ambígua e simultânea condição de homem e não homem, como portador de uma espécie de lepra da alma cujo contágio se teme, o louco passa a ser sinónimo de tudo aquilo que se receia, investido de uma série de valores negativos. Ao medo da morte, sucede o medo da loucura, a morte em vida.

5. O abrangente e protoplásmico conceito de loucura passa a incluir tudo o que extravasa do normal, seja lá isso o que for. A pintura cubista é obra de loucos, loucos são os poetas de Orfeu e os bailarinos de Diaghilev, louca é a música de Stravinsky, louco é Van Gogh.

6. Tudo aquilo que a mentalidade dominante, normal e normalizada, conforme a sociedade, não consegue abarcar nos seus quadros con-

ceptuais, é classificado como obra de mentes insanas, e assim desvalorizado. Ao que os loucos dizem ou fazem não se liga, e se esses actos ou palavras geram confusão e discórdia, chama-se a polícia, como prelúdio às camisas de forças.

7. Há uma forma clássica de desumanizar os nossos inimigos, que o vitoriano Hazzlitt analisou num ensaio célebre. Se lhes chamarmos insectos, se nos convenceremos pela propaganda de que são realmente insectos, não teremos então qualquer escrúpulo em os esmagar como tal.

8. Na luta política que é, pelo menos tendencialmente, uma luta de ideias, é tão arriscado tomar a sério as ideias do adversário, como acreditar que a bala que se envia para o outro lado vai matar um ser humano. O sistema de crenças do outro será, se não obra do diabo, pelo menos obra de espíritos doentes.

9. Elimina-se assim o risco de ter de levar a sério aquilo que o inimigo pensa ou acredita. E se mesmo assim há massas humanas dispostas a morrer por essas ideias e ideais, eis a prova adicional da sua inumanidade, pois que ninguém são de espírito iria acreditar na supremacia da raça ariana, na missão histórica do proletariado, nas virtudes da sociedade de livre empresa.

10. A loucura desculpabiliza, mas desvaloriza. Nabucodonosor voltou ao trono, depois de alguns anos a pastar nos prados como os animais do campo, mas nenhum político, mesmo de importância mediana, voltaria a ocupar o seu cargo depois de uma ligeira depressão. E no entanto numa qualquer campanha eleitoral, ou nos debates de um qualquer parlamento, mesmo o mais morno, a loucura das ideias, programas e projectos é um dos argumentos mais vulgares.

11. Atirar algo para o campo da loucura evita trabalho, porque a partir do diagnóstico feito, os especialistas ocupam o terreno. Só um louco não acredita na sociedade sem classes e combate o socialismo

real, só um louco poderá estar contra a integração europeia, só um louco não vê o perigo que a imigração não branca representa, só um louco não vê a justiça da actuação do governo, deste governo, de qualquer governo.

12. Só as sociedades imperfeitamente organizadas precisam dos hospitais psiquiátricos para tratar os que não concordam com os valores dominantes. Outros métodos, mais eficazes porque mais discretos, podem ser utilizados com vantagem. É que a partir de um diagnóstico de doença mental tudo se toma mais simples, e se torna, inclusive, possível um posicionamento caridoso e evangélico, pois é justo perdoar as acções daqueles que não sabem o que fazem.

13. E foi assim que em 1971, o psicanalista alemão Friedrich Doucet pôde descrever cientificamente, em «Psychoanalytische Begriffe», o síndrome de Baader-Meinhof «como consistindo numa atitude de consciência e de vida que não correspondem e se afastam da realidade e da adaptação a uma textura social. Daí a formação de um esquema de vida fictício e parasita, que impede o desenvolvimento de interesses sociais e é sinónimo de inadaptabilidade, cobardia e tendências ao egoísmo e à exploração. Resultado: perversão, vício, criminalidade e distúrbios neuróticos. Também se verifica a anarquia político-ideológica».

14. Só um louco não veria isto.

Abril 1991

SÓ SOU QUE NADA SOU

Henrique Silvestre

Acontece a todos aqueles que vão pagar as contas nos locais que as emitem e, por vezes, basta ir fazer compras. Só na primeira vez é que vim embora a pensar que era uma prática social, mas logo de seguida quando tentei pagar o rebuçado com um escudo a menos que o preço marcado é que reparei que o pouco dinheiro varia nos seus desígnios conforme a posição dos agentes económicos envolvidos. O consumidor não é tido nem achado para pagar mais um escudo e é-lhe recusado o pagamento da mercadoria a menos um escudo. Ou seja, o mercantilista recebe com naturalidade mais um escudo e, com uma mesma naturalidade azeda recusa receber menos um. Perante isto há duas posições possíveis, torná-lo como dado adquirido ou protestar por cada escudo que nos pertence. Qualquer das duas é uma forma de intervenção política. Encarar o quotidiano de vida como uma democracia representativa de sabe-se lá quem, em que o que acontece desde manhã até à noite junto a nós e para além de nós é corolário de teoremas inquestionáveis, é não abrir a boca a menos um escudo. É não abrir a boca a menos um pão, é não abrir a boca a menos um ensino gratuito, é não abrir a boca a menos uma saúde pública, é não abrir a boca quando intentam contra qualquer direito e em qualquer lado. Exigir de responsabilidade, criticar na actuação, solidarizar na vida de cada um, é uma política de todos os escudos e de todos os dias possível.

O termo política assusta pela sua imediata articulação com o elemento partido. Por vezes a política que fazemos tem ligação no partido pela conjugação de pessoas que a fazem. A luta e reivindicação pessoal ganha força na discussão de conjunto. A acção é mais sentida na partilha. Mas não implica que as posições assumidas em casos particulares não tenham uma ligação global, um projecto social global. Assumir a luta contra a discriminação dos homossexuais na perspectiva de luta por uma sociedade sem qualquer tipo de discriminações. Uma intervenção ecológica para a construção de um mundo de respeito e ideal convívio entre espécies. É com pormenores e generalidades que se constroem as vidas que idealizamos.

Vem a propósito as eleições para a associação de estudantes da Universidade de Évora. Tem duas listas e cada uma delas com uma

série de informação sobre objectivos a concretizar em caso de eleição. A talho de foice tem piada que os folhetos de campanha tenham mais espaço reservado à publicidade do que a informação concreta. Numas folhas A4 mostram-se três caras para o conselho fiscal, uma ou duas frases e na parte de trás um verdadeiro texto sobre as vantagens de ir ao Cabeleireiro Sérgio, onde segundo é prometido o cabelo ganha mais volume. Na propaganda em folha A5 da promessa de criação do Gabinete de Apoio ao Estudante surgem quatro diferentes nomes de restaurantes. Também ouvi essa, o apoio começa na alimentação. A primeira mensagem de propaganda que recebi em mão já trazia uma cara. À entrada da Universidade estava um representante da Juventude Centrista a dar o programa da sua lista. Claro está que imaginei sem ler que o mesmo fosse consentâneo com as suas opções político-partidárias, custava-me imaginar que o Manuel Monteiro à noite em casa fosse um marxista convicto e que no outro dia, depois do trabalho na sede, fosse ao jogo de futebol semanal onde se impunha pelo seu discurso socialista. Custava-me a imaginar até esse dia. A lista candidata do jovem centrista quer fazer uma «revolução na Associação». E ainda um não às propinas e uma valorização do ensino público. Não resisti a ir falar com o jovem. Saber o que era isso de ser jovem centrista. Estou agradavelmente surpreendido, é «ser contra a perpetuação das pessoas nos cargos públicos políticos» porque leva a que «a corrupção apareça, como é o caso hoje em dia em Portugal» porque «muitos que trabalham vivem mal e algumas sanguessugas vivem bem sem nada fazerem por isso». Não foi sanguessugas que disse, era um outro bicho que substituído por sanguessugas não mudava o contexto e que também não mudava a minha simpatia pelo partido do jovem. Disse que sim e convidei-o a aderir ao PSR, «não, isso não, vocês são comunistas, não são?». Podia-lhe ter mentido e bem conversado poderia ter obtido dele uma série de sins a um programa comunista. Na forma como eu o vejo ou o rapaz anda profundamente enganado com a articulação da sua postura política com o partido ou, é ainda mais esperto e está no vale-tudo para conseguir o que quer. Ganha a Associação e muda radicalmente de atitude mais conforme a posição do seu partido ou, quando estiver na Associação deixa es-

quecida a bandeira do partido e para melhor funcionar a cabeça que o faz estar no partido. Eu cá conheci-o mas se calhar não disse a mais ninguém.

Será que há vergonha das opções políticas? Dou de barato aquilo a que a reacção chamava os erros da juventude ou da falta de experiência ou conhecimento, mas que agora, especialmente na direita, é bem de dizer que se teve uma juventude marxista, por vezes leninista-maoísta, que permitiu aprender muito. Vem na onda de formação da Igreja que faz ponto de honra do forte ensino marxista e, verdade seja dita, que grande quantidade de profissionais e/ou amadores da Igreja tem excelente formação teórica marxista. Pronto, está bem, toda a gente comete erros, também não havia muita informação, mas, se agora há, só anda enganado quem não tem vontade de se esclarecer. Vem-me à memória a história do colega alentejano que conseguiu o tão ambicionado emprego no Banco. Ao fim de três anos pedia-me para crer, o que para mim era difícil, que não fazia nada. Rigorosamente nada. Não por falta de vontade ou capacidade, apenas porque ali não se fazia nada. Mas não perguntas ao chefe o que estás ali a fazer ou o que é que ele próprio tem como responsabilidade, perguntava-lhe eu com ingenuidade, nada, também não estava para se chatear. Soube esta semana que foi promovido. Na política deve ser o mesmo. E assim já entendo que a participação activa possa ser feita sem qualquer compromisso global, sem a perspectiva internacionalista dos movimentos. Assim contornamos facilmente quando a nossa vida não vai de feição e a fome dos outros só nos toca quando impede a passagem para a nossa casa. A ideia do homem novo englobava em si o homem global no sentido da sua formação ser a soma de todas as coisas e de todas as coisas estarem sujeitas ao que ele é.

Dezembro 1994

AS VOLTAS QUE O CORAÇÃO NÃO DÁ

Inês Pedrosa

As viagens não existem. O que existe é uma indústria da solidão chamada turismo e uma solidão sem indústria chamada aventura.

Nenhuma das duas alguma vez me tentou. Quando resolvi libertar os meus papás e comecei a sublinhar os anúncios dos jornais na cândida busca de um paraíso pessoal e intransmissível (se possível com vista para os navios do Tejo), os meus amigos de maior idade puseram-se a abanar as cabeças e declararam, em coro: «Viagens. Antes de mais, tu devias viajar.»

Mas viajar para onde? Para quê? Até quando? Com que dinheiro? Percebi rapidamente que todas estas perguntas estavam erradas; em vez de respostas, recebia gargalhadas ternas e mordazes. E as cabeças voltavam a abanar, em sinal de inequívoca reprovação. Parecia que o carácter concreto das minhas interrogações só agravava o diagnóstico; a partida tornava-se urgente. Ficando, corria o sério perigo de me transformar num monstro de comodismo, empantufado, empanturrado, esparramado entre quatro paredes caiadas. Fiquei, e caiei as paredes. Os meus amigos perdoaram-me, porque é suposto que os amigos sejam magnânimos como deuses. E porque, não parecendo, mais duas assoalhadas em Lisboa dão sempre jeito para quando vem alguém de fora. Ou para quando, por excesso ou carência de população, não se aguenta chorar no próprio quarto. Às vezes o grau de ocupação da nossa própria casa é simultaneamente excessivo e inexistente; é nessas alturas que mais necessária se torna uma casa alheia onde as lágrimas possam cumprir o destino que têm: correr, num largo caudal, sem ciência nem solução.

Julgarão que as viagens não têm nada a ver com isto. Têm tudo. A princípio, aquelas conversas sobre partidas sem rumo pareciam-me apenas parábolas ilustrativas dos «Dez Mandamentos» do bom Ser Humano. A cartilha rezava mais ou menos assim: não te presumirás único no mundo, não te afeiçoarás aos bens materiais, não julgarás o próximo, não temerás as distâncias, não soçobrarás às paixões que te cegam para a miséria universal, não incorrerás em ciúme nem inveja, não comerás lagosta – por suada que seja, não gastarás o que te for dado em pechisbeques e adornos fúteis, não dormirás em hotéis de cinco estrelas, não

recusarás as experiências e os trabalhos, por mais modestos que se te afigurem. Viajar era-me descrito como o caminho certo, para a santidade laica, que era a única a que a minha alma sabia aspirar.

Confesso que tive remorsos de não ir. Dei por mim a assinar revistas esquisitas de países obscuros para que os meus amigos verificassem que, apesar de tudo, eu manifestava interesse e solidariedade para com os outros povos da Terra. Achei-me a limpar o pó e a lavar a roupa às escondidas, lá para as cinco da manhã, para que ninguém me notasse qualquer preocupação com futilidades domésticas ou alguma quebra de disponibilidade. Fiz gala de não ter horários e expliquei mil vezes que só tinha comprado um sofá para a sala por altruísmo, por causa da cama. Acabei por concluir que a má consciência é muito eficiente, e os meus amigos acabaram por se conformar. A contra-gosto, claro, porque é muito difícil aceitar que os amigos escolham exactamente aquele momento de felicidade a que nós torcemos o nariz. E o pior é que, se o modelo deles falha (o que, de uma maneira ou de outra, sempre acontece, porque é mesmo essa a trágica graça dos modelos) ninguém se sente mais falhado do que nós, cá de fora, tristes em estereofonia, com a tristeza deles e a dor imensa de não os termos podido salvar.

É para fugir a este feixe de dores miudinhas, pavorosas de ridículo, que as pessoas viajam. Viaja-se para cobrir com o heroísmo do desapego o magoado apego que se tem a um amor que nos maltratou. Ou viaja-se antes ainda, continuamente, para que ninguém ouse tatuar-nos o coração, roubar-nos, de um só fôlego, passado, presente e futuro. Pueril ilusão, a mobilidade; damos a volta ao mundo inteiro para evitarmos a vertigem que trazemos dentro de nós. Das viagens trazemos uma série de ideias feitas do mundo, rápidos *clichés* que nos confortam como brinquedos. Só a permanência esclarece, disparando-nos assustadores jactos de luz. Pode ser o êxtase ou a tortura. A espera pode ser longa e a revelação tardia. Tudo pode acontecer. O coração não viaja; engana-se, e julga que enjoa.

Setembro 1991

PUB

Nuno Milagre

Airafó perdeu uma aposta com um colega. Agora tem que cumprir o castigo combinado: durante um dia inteiro aceder ao mínimo apelo, quer dizer, fazer tudo o que lhe for solicitado.

Airafó usa sempre as calças vincadas e a camisa engomada, é um homem às direitas, não deixa os créditos por mãos alheias – assume todos estes clichés populares – é um homem honrado.

É hoje o dia em que vai cumprir a pena por ter perdido a aposta, sente-se preparado: gentil, prestável, acessível.

Sai a porta do prédio, não tem tempo de pestanejar, um *outdoor* imenso: «Bebe. Refresca-te!». Airafó pensa: «é um apelo?!», hesita, «tenho que ir beber este sumo? Está frio! Um refrigerante gaseificado a esta hora da manhã, que nojo!». Mas tem que ser, faz parte da combinação. A única solução, pensou ele, é olhar para o chão, senão terá que beber 40 sumos durante o dia e usar pastas dentífricas e bronzeadores. Caminha em direcção a um café para beber o tal sumo; uma mulher dá-lhe um encontrão: «Então Aifinho, a contar as pedras da calçada, ou não me querias falar?». «Não, é que...» «Está bem – mostra-lhe a manchete de um jornal – Tu já me viste isto?» Airafó não percebeu a razão da indignação da amiga, outra coisa o perturbou muito mais, no canto superior direito um rectângulozinho: «Telemóveis Tá-lá? Compre já», deitou as mãos à cabeça: «Que horror!». «Aifinho, não é caso p'ra tanto!». Agora tinha que comprar um telemóvel, ficou com uma cara de desespero, a amiga despediu-se: «Tu tens que ir ao médico, tu cuida-te Aifinho!»

Airafó seguiu para um café, sem tirar os olhos do balcão pediu o tal sumo, bebeu-o de uma só vez, pagou e fugiu do café, ao pisar o passeio deu um arrotto enorme, no fim do arrotto entra no tempo certo o trrim de um telemóvel, alguém atende, «está lá?», Airafó arrotta de novo, desta vez na cara do utilizador do telefone e corre para um multibanco, precisava de dinheiro para também dizer «está lá?». Introduce o cartão «aguarde um momento», marca o código, pede dinheiro e enquanto a pessoa que está dentro da máquina lambe o dedo e conta as notas aparece no ecrã o anúncio de um banco: uma conta

maravilhosa cheia de vantagens e benefícios. «Mas será que agora tenho que...», mas primeiro era o telemóvel, foi comprá-lo, ao pagar a menina de azul começou: «Também temos outros produtos que talvez lhe...». «Cale-se!», pegou no telefone móvel e saiu.

Foi ao banco para abrir a tal conta, à sua frente mil folhetos ofereciam-lhe contas para tudo: habitação, férias, comerciante, seguros... controlou-se. Disse ao funcionário que as queria todas, que espalhasse o seu dinheiro por elas e tratasse dos papéis, fechou os olhos, só os abria para assinar. Ficou aliviado por não lhe ser possível abrir a conta jovem e a conta reformado.

Era demais. Já ia chegar atrasado ao emprego, mas estava fora de questão deixar de cumprir o seu castigo. Andou com os olhos semicerrados até ao autocarro, entrou e sentou-se, abriu os olhos devagarinho, atrás da casinha do condutor: «Participe na corrida de solidariedade com os diabéticos insulino dependentes», era hoje, saiu do autocarro, tirou o casaco e a gravata e começou logo a correr, foi apanhar a corrida a meio, integrou-se como conseguiu. Ao passar num cruzamento um rapaz numa mota chamou girafa a outro condutor, Airafo pareceu-lhe ouvir o seu nome e virou-se, não viu a cara do condutor, já só conseguiu ver na caixa da mota: «Comida chinesa Xau-Xau, encomende já!». Já estava cansado, encostou-se a um poste sacou do seu telemóvel novinho em folha e marcou o número da Xau Xau, pediu gambas com soja e arroz e disse para lhe entregarem em tal rua onde iria passar a corrida. Retomou a corrida de solidariedade, no sítio combinado lá estava uma mota, condutor e comida; pagou e foi a comer enquanto corria. Acabou a comida, acabou a corrida, e deitou-se num relvado a olhar para o céu, passado um bocado pensou: almocei, vou fumar um cigarrinho, estava de rastos e com mau aspecto, passou uma velhinha que lhe disse carinhosamente: «Não fume, pela sua saúde», levantou-se e disse: «O seu desejo é uma ordem!» apagou o cigarro e pensou que, como são proibidos os anúncios a cigarros podia deitar o maço fora.

Airafo estava exausto, refugiou-se num cinema, mas antes de começar o filme alguns anúncios, ficou aterrorizado, primeiro um chocola-

te, depois uma cerveja. Airafo levantou-se e virando-se para a cabina de projecção começou a disparar: «Vocês querem dar comigo em louco, vim ver um filme e agora tenho que comer um chocolate!». O resto das pessoas começaram a chamá-lo maluco e a dizer que se fosse embora. «Vou embora sim senhora, antes que venha um anúncio a um carro e me arrumem a vida!». Saiu da sala, dirigiu-se ao bar e pediu o tal chocolate e a cerveja, comeu, bebeu, sujou o balcão e insultou os empregados. Saiu para a rua a berrar: «Agora vou fazer uma coisa que eu queira, não me chateiem! Vou tomar um cafezinho descansado». Seguiu caminho sempre a olhar para o chão entrou num café, sentou-se, pôs os olhos na mesa e pediu um café, o café chegou, pegou no pacote de açúcar, que tal como todos os outros tinha aproximadamente 8/9 gramas, agitou, rasgou-o e ao deitar o açúcar virou-o e leu: «Use preservativo, não corra riscos». E agora... este pedido já não dependia só dele, cumprir esta exigência implicava outra pessoa. Estava furioso, atirou a chávena contra as garrafas de whisky da prateleira e foi-se embora dizendo: «Não pago, vou comprar preservativos, a culpa é vossa!». Foi a uma farmácia ao lado, ao pagar disse baixinho à farmacêutica: «Estou numa situação complicada, preciso de ajuda, não quer ir para a cama comigo, ou pode ser mesmo aí atrás ao pé dos químicos». «Insolente», traz! prega-lhe uma estalada. «Vai cagar à mata, seu delinquente!». Airafo saiu antes que lhe caíssem todos em cima, na rua pensou que na mata estaria mais sossegado e acalmou-se, chamou um táxi, entrou e disse: «Era para a mata da Caga D'Oiro», fechou os olhos e adormeceu. O taxista acordou-o no fim da viagem, Airafo ao chegar-se à frente para pagar viu um autocolante que dizia: «Perca peso agora, pergunte-me como»; suspirou e perguntou delicado: «Como é que perco peso agora?». O taxista começou: «Bom, isto é uma gama de prod...». Airafo interrompeu-o agressivo: «Esta foi a minha última cedência, agora vou p'rá a mata e mais ninguém me chateia!». Saiu, bateu com a porta e embrenhou-se na mata, escolheu um sítio, cagou, depois escolheu outro sítio e sentou-se, sentiu-se descansado longe dos *outdoors*, folhetos, néons, anúncios, longe de todas as exigências e pedidos que o atormentaram todo o dia. Esperou pelas 0 horas, hora em que terminava o seu castigo. Então foi para casa a

pé. Em casa ligou a televisão, estava a dar a TV Shop, desligou os fios da televisão, pegou nela e atirou-a pela janela, caiu ao pé do refrigerante.

Junho 1996

A DESLINGUAGEM

Rui Zink

A Jorjoruel qfalava niuspiche

- Dsliga isso.
- Não, deixa estar.
- Não mdigas que queres ficar a verisso.
- É só um bcadinho. Há uma coisa qminteressa.
- Já vista figura questás a fazer?
- Não pcebo.
- Já tviste assim?
- Já.
- Tens a certeza?
- Absoluta.
- Isso é uma marca dvodka.
- Acontece.
- E gostas de tver assim?
- Não percebo a pergunta.
- Assim. Comestás agora. Gostas?
- Com o cabelo mais curto?
- Não era a isso que me referia.
- Quem não é explícito não pode esperar respostas explícitas.
- Não desconverses.
- Tu a tua tia.
- Que achas que a tvisão está a fazer às nossas cabeças?
- Sei lá.
- Sabes. sabes. Não queres é dzer.
- E pqhavia de dzer?
- Quem não deve não teme.
- Olhó lgar comum! Há lugar comum fresquinho!
- Pára com isso.
- É baunilha ó chcolate! Olhó lgar qmum!
- Confessa, não achas qa tvisão está a consumir as nossas cabeças?
- Evidente qacho. A cnsumar e a cnsumar.
- ????
- A tvisão é acto. Cada vez mais o unquato qexiste.
- Ah.

- Já ninguém faz nada. Não fla. Não fde. Então a tvisão fla e fde por nós:
- É umideia.
- É, e eu dsse-a pqe sabia qera o qurias ouvir. Mas não é tantas-sim.
- Não?
- Qu'est ce que dzer. É e não é. Pcebes?
- Se eu dsser que pcebo estou a mtir.
- A tvisão por enquanto ainda tem botão. Pdesligar e pligar.
- E?
- O comando ainda somos nós. O pquedista. O fzileiro. O SIS lord.
- E?
- E nada. A tvisão não é a igreja. Apenas parece a igreja.
- A tvisão é a igreja.
- Tá bem, mau exemplo. Mas é pqe nós queremos. Pque nós deixamos.
- E comavemos de não deixar?
- Sei lá. Não podesperar que tenha rsposta ptudo.
- Psava que tinha rsposta ptudo.
- Psaste mal. Pareces aqueles tomobilistas qrrumam mal o carro, e depois dzem: «que quer que faça», passando pti a responsabilidade deles.
- Estás a dzer cada um por si e fé em Deus?
- Maisoumenos. A rvolução começa por dentro. Senão arriscas-te a ser cmo o médico qfuma e diz os outros pñão o fazerem.
- Não estou muito seguro queo comando esteja nas nossas mãos.
- E scalhartens razão. E dpois?
- E dpois o quê?
- O quê digo eu. Qual é o prblema de não trmos o comando?
- O prblema? É qassim não temos o cmando das nossas vdas.
- E é assim tão grave?
- Achas qnão é?
- Aptecia-magora uma cerveja.
- A tv mata as clulas cinzentas. Ainda não pcebeste isso?

- E depois? Tudo o q nasce morre.
- Não achas grve um mndo em qas pssoas não têm cérebro?
- Não foi isso q disse. Mas o cérebro é um luxo qndo as pessoas têm q pagar as prstações do carro.
- Um luxo dspensável, quers tu dzer.
- Isso mesmo. É isso que gro dzer.
- Não tassusta que a gente cnfunda a tv com a realidade?
- A realidade é cmo a drga. As pssoas exprimentam. mas depois afundam. A tv é uma ótima mrfina.
- E?...
- E nada. A tv fnciona hoje com uma realidade sbstituta. Só que os papéis invrteram-se. Hoje é a realidade q parece sbstituta, pstiça, falsa. A tv é a vrdade.
- Estás a brncar cmigo.
- Não, estou a flar a sério. Estamos a prder a lnguagem, e a tv sca-lhar cntribui para isso. Mas é culpa da caixa se hoje a endeusamos coma vrdadeira essncia das coisas?
- Agra estás a ir lonjdemais.
- Estou? É ema alegoria da caverna dplató. Ass pssoas pensam q vivemos no mndo das sombras até prcermos na tv.
- Mas é exatmento contrário...
- Sim, mas que quers?
- Isso prgunto eu a ti. Que quers?
- Rspnde tu prmeiro.
- Não, rspondtu.
- Tu.
- Tu.
- Tv.
- Tv...
- ...
- (Ctinuea dpois da pblicidade.)

Fevereiro 1997

A CABEÇA DO MENINO JESUS

José Luís Peixoto

O menino Jesus pulou do berço, agarrou-se à nossa senhora e dançaram uma música muito bonita que estava a dar na telefonia. Depois, o José atou uma fita verde brilhante ao pescoço da vaca, montou-se no burro e, a puxar a vaca pelo cordel verde, foi-se embora cheio de ciúmes. Depois, tocou um sino encarnado brilhante e o rei mago preto foi avisar a nossa senhora e o menino Jesus que o José já ia a atravessar a ponte. Depois, o rei mago de camelo e o menino Jesus montado numa ovelha foram atrás dele. A nossa senhora encostou-se ao berço a chorar. Depois, o José chegou ao moinho, soltou a vaca e ficou lá a viver. O rei mago e o menino Jesus continuaram atrás dele. E um estrondo muito grande. Pum. O rei mago, a nossa senhora, o José, o burro, a vaca, os pastores calaram-se e pararam, a ovelha caiu ao chão e ficou deitada, doente, as pernas muito direitas e um monte de erva agarrado aos pés; o menino Jesus caiu e a cabeça separou-se do corpo, muito redonda, rebolou pelos tacos encastrados, rápida, atravessou a sala, e, ploc, acertou na madeira da porta.

Francisca, disse a minha mãe, pesada, a dois tempos, entre a revista com muitos desenhos e o meu silêncio fixo no chão. Bem lhe disse para não brincar com o presépio, bem a avisei. A menina não me ouviu.

E o coração destroçou-se dentro de mim, como se fosse um coração fino de vidro e o tivesse deixado cair também. Segurei o corpiço decepado e, sem levantar a cabeça mais que um passo à frente do passo que dava, agarrei entre dois dedos a cabecinha loura, triste e lisa do menino Jesus. O seu sorriso petrificado, suspenso.

Com o corpo numa mão e a cabeça na outra, subi as escadas em profundo silêncio. Longe da lareira, no meu quarto, acendi o candeiro suave da escrivãzinha. E a cara do menino Jesus, o seu sorriso; e o vento, a chuva, a noite nas vidraças da janela quase me fizeram chorar. Trémula, molhei o liso do pescoço com riscos medidos de cola. Fechei a mão, fechei os olhos com força. Fiquei assim.

Abri os olhos. Suspirei baixinho. Abri a mão. Nada a fazer. Notava-se com nitidez. A cola cumprira o seu trabalho, mas não consegui-

ra disfarçar, como nada teria conseguido, o evidente de um fio delgado, rente ao pescoço do menino. No berço húmido da minha mão, embalsamado em forma de dormir, o menino sorria-me mais triste, de fio de prata ao pescoço. E, posso agora dizer, logo aí soube, logo aí me resignei com o que ia acontecer.

Na sala, pousei o menino nas palhinhas incómodas e frias de barro. O meu pai chegou e dei-lhe um beijo. Como tem passado a menina? A minha mãe tocou a sineta de loiça. Augusta, pode servir o jantar. Sentámo-nos. Por ser véspera de Natal, a Augusta juntou connosco. O que não é bem verdade, porque quando acabava de servir o último de nós, já outro estava a terminar e ela tinha de recolher os pratos e dividir o bacalhau e abrir o peru e servir o meu pai de vinho. Está bem assim, senhor doutor? Nessa única noite, a Augusta não vestia avental, usava um vestido de fazenda muito preta, uma gola muito branca de renda, um casaco de malha preta e, ao peito, um alfinete de ouro antigo que herdara da madrinha que herdara da madrinha. Em silêncio, sem nos olharmos, comemos. A noite passou.

A Augusta ficou na sala de jantar a pôr pratinhos de sobremesa uns sobre os outros, a levantar a mesa. Nós fomos para a sala. A minha mãe ligou a telefonia e agarrou nas páginas da revista com muitos desenhos. O meu pai sentou-se na poltrona do meu pai. No meu olhar, o presépio. Curvada, a Augusta entrou na sala. Já é meia-noite, minha senhora. Aborrecida, a minha mãe pousou a revista e procurou um posto na telefonia. Enquanto seguíamos a missa do galo, levantando-nos quando imaginávamos que os outros se levantavam, dizendo o que os outros diziam, fazendo furtivamente o sinal da cruz, abrindo a boca em seco quando imaginávamos que os outros se regalavam com a hóstia, fazendo; enquanto seguíamos a missa, lembrava-me da irmã Teresa. Meninas, a lição de hoje é sobre o Natal. O menino Jesus é bom para as meninas que se portam bem. Depois repetia: o menino Jesus é

BOM, respondíamos nós; e ela, gorda de paciência, insistia: para as meninas que se portam

BEM, respondíamos em coro. Lembrava-me da irmã Teresa. O cardeal demorava-se em bênçãos e recados aos governantes da nação, e lembrava-me da irmã Teresa. Lembrava-me da carta ao menino Jesus: não precisa de ser uma boneca de loiça, pode ser de pano, não precisa de ser um cavalo de madeira, pode ser de cartão. Ide em paz e que o senhor vos acompanhe; A minha mãe desligou a telefonia. Eu e a Augusta, as duas crianças, ficámos paradas. Baixámos o olhar, juntámos as mãos sobre o ventre. Os meus pais, sérios. No colégio, a voz da irmã Teresa: o menino Jesus é

BOM, dizíamos arrastadamente; e ela, insatisfeita, arrelviada conosco ou com as cores do a e i o u colado na parede, ela a cantar: para as meninas que se portam

BEM, dizíamos enfadadas. A minha mãe ajeitou o cabelo e, de sobancelhas erguidas em til, disse: Francisca, disse: Augusta. Vestidas de olhares submissos no chão, meninas, chegámo-nos em passinhos curtos de chinesas. Não precisa de ser uma boneca de loiça, pode ser de pano, não precisa de ser um cavalo de madeira, pode ser de cartão. Enquanto nos aproximávamos, a vigilância do meu pai, da minha mãe e da irmã Teresa: o menino Jesus é

BOM, respondíamos, repetíamos estafadas, e outra vez e outra vez: para as meninas que se portam

BEM, respondíamos. Os lábios imóveis, sisudos da minha mãe: feliz natal. As mãos paradas a estenderem-nos dois envelopes. Calada segurei o meu. Envelopes a guardar apenas papel verde e inútil. Nenhuma boneca, nenhum cavalo. A Augusta desfez-se em vénias, em beijos de mão, em obrigados, muito obrigada minha senhora. Olhei para o presépio. Àquela distância, conseguia fixar o fio no pescoço do menino. Olhei o presépio e soube que fora ali que perdera, pensei que todo o ano me tinha portado bem, estudado, para chegar ali e, num impulso, estragar tudo. O olhar do meu pai. O que é que se diz? A Augusta levantou-se e pegou-me na mão. Tirou-me o envelope e, sob a árvore, pousou-o na telhado da cabana do menino. Muito boa noite. De mãos dadas, subimos as escadas. Em silêncio, despiu-me. Ves-

tiu-me a camisa de dormir. Boa noite, menina. Sussurrando, a irmã Teresa: o menino Jesus é

BOM, respondemos num assobio de brisa. E a irmã Teresa não me querendo acordar: para as meninas que se portam

BEM, respondemos no mesmo arrastar de folhas. Não precisava de ter sido uma boneca de loiça, podia ter sido de pano, não precisava de ter sido um cavalo de madeira, podia ter sido de cartão. O peso dos lençóis, dos cobertores prendiam-me o corpo. Cá dentro, o coração destroçado, espalhado em todos os cantos de mim. Nas vidraças da janela, o vento, a chuva, a noite; na minha ideia, a cara, o sorriso do menino Jesus.

Novembro 1996

NEGÓCIOS (EXPLICADOS)

José Manuel Morais

Chegaram à cidade pouco antes do anoitecer, e ninguém, nem mesmo o Velho, veterano de muitas viagens, sentiu vontade de se aventurar às escuras no dédalo de ruas alagadas.

Fundearam as jangadas num grande lago quadrado, uma antiga praça de que se viam em volta os telhados esventrados dos edifícios que a rodeavam. O Velho explicou que dali, nos tempos idos, era governada e dirigida toda a cidade e uma grande extensão para Norte e Sul ao longo da costa. David, que fazia a sua primeira expedição, não acreditou.

Pouco depois de amanhecer internaram-se na cidade. A maré tinha descido, o que os obrigava a maiores cuidados na navegação, evitando os destroços submersos e os postes de iluminação que afloravam como lanças à tona de água. As ruas eram como grandes canais rectilíneos, interrompidas aqui e ali pela derrocada de um prédio. David olhava para tudo extasiado, admirado com a existência de um sítio que tinha tantas casas como árvores na floresta, do que todas as florestas que ele pudesse imaginar, segundo dizia o Velho. O comboio de jangadas desembocou noutra grande praça, no meio da qual se erguia uma coluna perigosamente inclinada que tiveram o cuidado de rodear de longe. Ao passar, David pôde ver que no alto da coluna havia um homem de metal onde se empoleiravam gaivotas que gritaram à sua passagem.

Os cavalos na segunda jangada agitaram-se nervosos, e os homens olharam em volta procurando algo que se movesse nos telhados. A partir daí mais ninguém largou as armas. Outra praça apareceu, de novo com uma coluna ao centro, emergindo da água esverdeada. Um pouco à frente, estendia-se, subindo em ligeiro declive, o canal mais largo que tinham visto até então, e depois, mais ao longe, o verde das árvores. A uma ordem do Velho as jangadas subiram o canal até ficarem em seco, e procederam ao desembarque da carga e dos animais.

Passaram o resto do dia preparando o resto da viagem que ia ser feita a pé. David sentia-se inquieto, ameaçado pelas janelas vazias dos

edifícios abandonados, e começava a acreditar em tudo o que o velho tinha contado sobre a cidade enquanto desciam o rio. De manhã partiram, deixando três homens de guarda às jangadas, cuja carga tinha sido transferida para os cavalos. Os homens caminhavam atentos, de armas a postos, vigiando as janelas e os telhados onde cresciam ervas à toa.

David aproximou-se do Velho que seguia à frente e consultava de vez em quando um papel coberto de desenhos coloridos. Esperou até que reparasse nele, e só então falou.

- Velho, quanto tempo vamos demorar até chegar?

- Um dia, dois dias, se tudo correr bem. Se não houver muitas ruas cortadas por desabamentos, e se as tribos não nos causarem problemas, dois dias no máximo.

- E como é aquilo para onde vamos?

O Velho ajeitou o bernal e bebeu água do cantil, que estendeu a David. Enquanto o jovem bebia, disse:

- É como aqui, morto e em ruínas, embora se note menos porque há mais árvores, que se espalharam a partir do que restava de um grande jardim que ali havia por perto. É a primeira vez que vens à Cidade?

David assentiu.

- Agora está morta, como vês, e como em qualquer organismo morto nela pululam os parasitas que vivem dos restos. As tribos. Mas antigamente, antes das águas subirem, tudo isto vivia. Era o melhor sítio para se viver, mas quando as coisas pioraram tomou-se o pior sítio para se estar. As pessoas fugiram – as que puderam, como os nossos antepassados. As outras ficaram e morreram, ou sobreviveram. E quem ficou a ganhar não foi quem sobreviveu.

- Mas aqui não há nada, só prédios velhos, carros ferrugentos e...

- ...e há o que cá viemos buscar. Eu gosto de pensar que viemos aqui comprar memória. Sabes o que é a memória?

O rapaz deu uma definição tirada de um livro.

- Memória é a faculdade que me permite lembrar das coisas que me aconteceram, do que faço e do que aprendi.

- Também é isso, concordou o Velho. Mas também é mais do que isso.

Um batedor, mandado à frente a explorar o terreno, interrompeu-os. A rua que estavam a seguir estava bloqueada mais à frente. O Velho consultou de novo o papel que nunca abandonava, e por sua indicação meteram por uma rua transversal, fizeram várias viragens e encontraram de novo o caminho livre. Só então o Velho se virou de novo para o rapaz.

- Sabes, a memória é uma coisa muito importante. Imagina que esta manhã, ao acordar, te tinhas esquecido de tudo. De quem eras, do teu nome, do que tinhas comido ao jantar, de tudo. Quem achas que serias tu então?

- Ninguém, acho eu. Se não me lembrava de nada, não era nada.

- E se voltasses a aprender tudo de novo, a partir daí, mas sem lembrar o que tinhas esquecido, o que resultava?

- Outra pessoa, parece-me.

- Porquê?

- Porque era a única coisa de que me lembraria.

O Velho sorriu, como se o rapaz tivesse chegado ao ponto que ele queria.

- Estás agora a ver a verdadeira importância da memória? Na verdade tu és aquilo de que te lembras. Sem memória não és nada, ou és outra coisa, outra pessoa. É isso que se está a passar com todos nós.

Tenta imaginar esta cidade como ela foi em tempos, um organismo vivo. Havia partes da cidade que estavam especializadas em diferentes funções. A praça onde aportámos governava, outras zonas abasteciam a cidade em energia, água e alimentos, informação. E havia um sítio, aquele para onde nos dirigimos, onde se armazenava o conhecimento, como uma grande memória colectiva. O que vês em volta?

A pergunta apanhou o rapaz desprevenido. Relanceou o olhar. Prédios enormes, esventrados, alguns com cicatrizes de incêndios há muito extintos. Por todo o lado carcaças ferrugentas, e árvores triunfando sobre o asfalto. Em vez de dizer o que via, disse o que sentia.

- Não gostaria de viver aqui.

O Velho riu.

- Há quem viva, acredita, e há quem goste. A cidade não morreu de repente, ainda está a morrer. As águas subiram lentamente, ano após ano, galgando os diques construídos à pressa. Outras coisas aconteceram, mas a água foi o sinal mais visível. A água e o calor. Quando tudo se precipitou algumas pessoas que guardavam a memória de que te falei concentraram tudo o que puderam num único edifício. Pensavam que a partir dali podiam recomeçar de novo. Enganaram-se, e agora somos nós que andamos a tentar salvar a memória.

- Memória, memória!, resmungou David farto dos enigmas do Velho. Afinal o que viemos buscar a esta porcaria de lugar?

O Velho afastou-se a rir, depois parou, deu um pontapé numa pedra e virou-se. Parecia zangado.

- Pensei que já tinhas percebido. Livros, David! De onde pensas que vêm os livros que estás habituado a ler todos os dias na biblioteca? Vêm daqui rapaz. Andei toda a minha vida a transportá-los, e tu vais passar a tua a fazer o mesmo!

Antes que o rapaz pudesse objectar àquele projecto de vida que lhe era tão subitamente imposto, o Velho fez um sinal de silêncio. A caravana parou à escuta.

- Tiros, disse um dos homens, ao mesmo tempo que engatilhava a espingarda, mas David não ouviu nada para além do ruído primaveril dos insectos e do vento nas folhas das árvores. O batedor regressou fazendo sinal para que se escondessem depressa. O Velho indicou uma rua lateral, por onde o grupo seguiu, espicçando os animais. Um dos prédios abria uma larga porta arruinada, e foi aí que se ocultaram, tentando manter os cavalos silenciosos. O batedor ergueu três dedos

da mão esquerda, e depois abriu e fechou cinco vezes a mão direita. Significava aquilo que se aproximava um grupo de quinze indivíduos, armados e perigosos. Tinham por fim encontrado as tribos e restava agora esperar que as tribos não os encontrassem. Por uma fenda entre dois tijolos soltos David viu-os passar, sujos, cabeludos, miseráveis de aspecto, mas armados até aos dentes. Quando o ruído de passos deixou de se ouvir o batedor contou o que tinha visto.

- Há muitos grupos como esse, e estão todos a convergir para o Quadrado, que está cercado.

- O Velho desdobrou no chão o papel colorido e pediu ao homem que lhe indicasse onde tinha visto os bandos. Ele apontou várias partes do mapa, e depois ficou calado enquanto o Velho reflectia.

- Se formos por aqui, disse finalmente indicando uma linha branca no papel, poderemos chegar sem ser vistos.

- Sim, confirmou o batedor, e há ali um prédio que nos pode servir de esconderijo. Mas seria melhor passar aqui a noite. Há muito movimento, e podemos não conseguir evitar maus encontros.

Durante o resto do dia mantiveram-se escondidos, e ouviram por várias vezes os passos e as vozes de grupos que passavam, e ao longe o ruído de tiros tornou-se mais intenso, só cessando ao anoitecer. Comeram um desconsolado jantar frio, na impossibilidade de fazer lume, e cada um deles preparou-se para passar a noite o melhor que podia.

David sobressaltou-se ao sentir uma voz que o arrancou do sono que já o submergia. Era o Velho que lhe estendia algo.

Toma, bebe um pouco. Já que não há calor cá fora isso aquece-te por dentro.

Aceitou a garrafa e levou-a à boca. A aguardente desceu-lhe pela garganta, escaldante e bem vinda. Logo a seguir sentiu o calor espalhar-se pelo corpo. Bebeu novo trago e devolveu a garrafa ao Velho, que a poisou entre eles.

- Sabes David, os livros são a nossa razão de estar aqui. Sem eles

não seríamos o que somos. Eles são a nossa memória. Quando o mundo dos Antigos se desfez, as pessoas esqueceram quase tudo muito depressa, no afã de sobreviver. Duas gerações bastaram para que se perdesse o que levava séculos a acumular. Mas esse saber continuava a existir, guardado nos livros, só que as pessoas já nem sequer sabiam ler. Hoje a maioria nem sequer sabe o que é um livro nem para o que serve. Mas nós sabemos, nós não esquecemos. O Velho pegou na garrafa e ofereceu.

- Mais um golo? Não? então à tua saúde.

Bebeu e depois continuou.

- O Quadrado que está a ser atacado é o sítio onde se guardam os livros. Milhares deles, tantos que não se acredita, mas as tribos não sabem o que aquilo é, nem para o que serve, a não ser que todos os anos uns malucos chegam do rio e trocam aquelas coisas por outras de que eles precisam. E o que eles nos estão a vender é a herança dos Antigos, é a memória.

Cada livro recuperado é mais um passo para saber o que fomos. Mas por cada livro salvo há centenas que se perdem. Há muitos anos, na primeira viagem que fiz, deixaram-me entrar no Quadrado. Havia livros por todo o lado, grandes e pequenos, aos montes, todos diferentes. Os guardas originais tinham sido expulsos ou mortos, e a tribo que ocupava o edifício usava os livros para se aquecer. Durante anos a fio a nossa memória esfumou-se, transformada em cinzas. Depois nós chegámos.

De certo modo, demos nova vida à cidade, e criámos uma relação triangular que funciona menos mal. A tribo que controla o Quadrado negocia connosco, livros por mercadorias essenciais. Por sua vez abastecem as outras tribos, assumindo uma posição dominante. A contrapartida é tornar-se no alvo de quem acha que tem força para lhe arrancar o monopólio. É uma dessas tentativas que está em curso. O Quadrado muda frequentemente de mãos, mas os livros sobrevivem.

O Velho calou-se. A pergunta que esperava acabou por vir.

- O que lhes damos em troca?

- Munições, medicamentos, armas, utensílios, tudo coisas que aprendemos a fazer nos livros que eles nos vendem. Depois tudo isso é revendido e repartido pelas outras tribos. A moeda deles são as balas que fabricamos. É um sistema económico muito esquisito mas funciona. O que pensas disto?

Respondeu-lhe a respiração pesada do rapaz. Tinha adormecido.

De manhã, o caminho estava livre, embora o ar estivesse cheio do ruído dos disparos, mais nítidos à medida que se aproximavam do combate. O prédio referido pelo batedor era uma imensa torre em ruínas, que se erguia de entre um maciço de árvores. Abriram caminho entre a vegetação e instalaram os animais no que fora outrora o átrio do edifício. Deixando um homem de guarda, começaram a subir as escadas à luz de um archote que se apagou pouco antes de atingirem o telhado. David deixou-se cair sobre a erva respirando com dificuldade. Quando se levantou, o Velho estava de pé observando a cidade que se estendia em redor a perder de vista.

Pasmado por aquilo, David ficou longamente a observar o mar de telhados, até onde ele se confundia com a água do estuário, de onde aqui e ali emergiam alguns prédios mais altos, como ilhas. O Velho estendeu-lhe uns binóculos e apontou uma direcção. O rapaz nada viu a princípio, mas depois, focadas as lentes, a cena que viu tornou-se clara. Um grande edifício, que devia ser o Quadrado de que tinha ouvido falar, surgiu em primeiro plano. Era mais um cubo que outra coisa, e os binóculos deixavam ver estranhas caras de pedra que nos cantos espreitavam para baixo. Seguindo o olhar das carrancas David viu que uma série de pequenas figuras corriam para o edifício, disparando sem cessar. Do telhado outras figuras ripostavam. Após uma breve troca de tiros os assaltantes recuaram deixando no solo alguns mortos.

- Vamos ter de esperar que a luta se decida, disse o Velho retirando os binóculos ao rapaz. Temos comida para dois dias. Se demorar mais do que isso regressamos.

O rapaz sentou-se de costas para o parapeito que rodeava o telhado.

- Se esta gente é assim tão agressiva, como é que chegamos à fala com eles?

- Não chegamos, pura e simplesmente. O sistema está bem estabelecido. Nós chegamos e colocamos a mercadoria que temos para trocar em frente ao Quadrado. Depois retiramo-nos e eles fazem o mesmo. Se os livros, em qualidade e quantidade, chegam nós trazemo-los e vamos embora. Caso contrário esperamos até eles colocarem mais livros até a troca estar equilibrada. Eles fazem o mesmo.

- E se uma das partes se recusar a dar mais?

- Então deixa de haver negócio, mas isso nunca aconteceu. Bem sei que é um método primitivo, que nos deixa com muita lacuna, mas funciona e é o único que tenho. Há uns anos levámos uma carga de livro de cozinha, e a partir daí temos mais cuidado, mas a maior parte das viagens vale a pena.

- E não era mais fácil conquistar de vez o Quadrado?, perguntou David.

- Olha, disse o Velho passando-lhe de novo os binóculos.

Lá em baixo o combate tinha acabado. Os atacantes tinham desistido e retiravam-se carregando mortos e feridos. O Velho levantou-se e sacudiu as calças.

- É melhor negociar do que combater. Aquilo é uma verdadeira fortaleza e nós não somos guerreiros. Anda daí, vem aprender como se faz negócio.

Julho 1990

GUERRA SANTA

João Barreiros

No vigésimo quinto ano da guerra cíclica, junto às margens do lago Saimaa, matei enfim o meu primeiro São Nicolau. Mera questão de sorte, garanto-vos. Os meus camaradas de armas, bem mais treinados do que eu, desta feita, pelas leis que só Murphy tece, não conseguiram chegar a tempo, ficaram-se pelo caminho, presos no visco traiçoeiro de um poço de alcatrão, atacados pelo frio quando os sistemas térmicos dos fatos começaram a falhar, ou então foram escoiceados por um enxame de renas que lhes caiu do céu, silenciosas como fúrias. Os poucos que sobraram, ou tiveram um encontro imediato com um grupo de duendes, ou foram seduzidos pela oferta terrível e quase irrecusável de prendas carregadas com os desejos do nosso coração. Não sei o que lhes aconteceu. Nunca restam corpos para contar. As câmaras de vídeo acopladas aos capacetes, a partir de um certo momento só revelam pérolas de ausência e brancura. Perto das zonas onde o indizível se manifesta, os implantes mastóides falham. As comunicações por rádio afundam-se numa tempestade de estática. Não há detector térmico ou infravermelho que funcione a cem por cento. As bombas espertas, lançadas pelos cruzadores juntos às costas da Noruega, desorientam-se, os sistemas lógicos dos seus micro-cérebros paranóicos entram em *feedback*, os alvos confundem-se nos *chips* de proteína e muitas vezes são mesmo capazes de voltar para trás e irem desfazer-se contra os cascos de quem os lançou.

Então como é possível saber-se que ele está ali, naquela zona precisa, a desabrochar como uma flor de sinistra beleza antes da polinização inevitável do vinte e cinco de Dezembro? Pois fiquem sabendo que em órbita, os satélites que tudo vêm de súbito deixam de ver. Há sempre uma zona Finlândia que desaparece do mapa, que é comida precisamente por essa negação conceptual. Quinze, vinte dias antes.

Quando isso acontece, quando a localização do nódulo se torna quase certa em vez de provável, arrancam-nos aos campos de treino do Mar Barents, enchem-nos a conta bancária com um crédito que só será realmente nosso se conseguirmos voltar, enfiam-nos na barriga de um planador puxado por um Tupolev modelo arcaico, um modelo

onde não exista uma única inteligência artificial de apoio, e armados de catanas e espingardas com mais de cem anos, despejam-nos lá do alto, a uns dez quilómetros do alvo virtual. Depois disso é um mergulho em pânico através da madrugada com o sol a despontar sobre os Balcãs da Rússia Capitalista, com o vento carregado de cristais de neve a bater contra o *cockpit*, e todos nós, pelo menos esta unidade de dez comandos de elite, emaranhados nas teias absorvedoras de choque dos assentos, mastigamos as cápsulas dos psicotrópicos, anti-hipnóticos, estimuladores de serotonina e adrenalina, dizemos adeus à Infrede de Comunicações que sempre toda a vida nos acompanhou, prestes a mergulhar no silêncio autista que envolve todos os mistérios.. Sobre a retina, desfazem-se em pontinhos luminosos os Imagos de familiares e amantes. As vozes sintéticas dos conselheiros virtuais transformam-se de súbito num cântico ameaça dor que só sabe dizer, noite de paz, noite de luz, nasceu... «Calem-me essa merda», berra Yosef Wu, o nosso salariman tenente. «E bloqueiem de vez toda a recepção aural. São estúpidos, ou quê? Estão mortos por ouvir aquilo que não devem?»

Com oficiais das grandes Corporações posso eu bem. O gajo pode ser perito no manejo da catana que herdou do trisavô cremado no bombardeamento da baía de Tóquio, pode ter um implante laser no lugar do dedo mindinho cortado pelos yakusas, mas é um cretino que nunca conseguiu chegar ao trigésimo nível do jogo caça AIDs. Mesmo assim obedeço-lhe. E os meus camaradas fazem o mesmo. É verdade, odeio cânticos subversivos. Odeio que me falem em paz quando a única coisa que querem é alienar os meus descendentes, caso os tivesse. Por isso carrego no dente do siso e anulo com uma só dentada todas as vozes que chegam do outro lado do universo. E eis-me (coisa horrível) em pleno silêncio, com o vento a soprar do outro lado da carlinga, de braços cruzados sobre o peito, com o estômago às voltas, à espera do primeiro contacto com o solo.

Lá ao fundo, no *cockpit*, o piloto grita, «Origamis, origamis», e o tenente responde: «Em frente, em frente, não são permitidos desvios ao menu de ataque!»-

Como estou sentado na primeira fila junto à cabina de pilotagem, posso ver o que o piloto vê. E entre o cinzento cada vez mais intenso da madrugada, de um momento para o outro, o céu encheu-se de papелotes coloridos a esvoaçar. São bandos de pássaros frágeis e brilhantes, são gafanhotos, borboletas, grifos e fénixes todos eles feitos de papel, colados ao vidro, mais, mais, mais, uns atrás dos outros, como uma praga, a ocultarem todo o campo de visão num aparelho que, pela força das circunstâncias, não tem radar ou piloto automático. «Vamos bater», comenta o piloto, numa voz neutra, apenas a confirmar um facto inevitável, «pinheiros em frente, posição de choque...». E eu dobro-me pela cintura, com as mãos sobre a curva do pescoço e os joelhos semidobrados para absorver o impacto que virá de baixo; o idiota do tenente faz o mesmo, cantando em voz alta o hino da Corporação, e aqui vamos nós em conjunto, como irmãos, rumo ao beijo da gravidade.

Já estamparam um carro? Já sentiram a compressão temporal de uma vaga de adrenalina a correr-vos pelo sangue? Já sentiram aquela demora das coisas que se arrastam e nunca mais param de correr? Chocar assim, às cegas, na barriga de um planador, contra um solo cravejado de pinheiros, é uma experiência semelhante. É um êxtase parecido com o síndrome da morte aparente. A morte da tecnologia é sempre orgástica. Bang, BANG, BANG, faz a barriga plastomoldável do planador a raspar em copas, neve e rochas. As asas contraem-se para diminuir as forças torcionais dos impactes. A estrutura do aparelho deforma-se para absorver os choques múltiplos. Balões de ar incham como cogumelos junto às nossas caras. Lá em frente o piloto grita, grita, até que depois de um súbito ESTALO deixa de gritar.

E por fim quando todo o movimento cessa, milagre, milagre, mais um entre tantos outros deste dia numinoso, descubro que estou vivo, inteiro, activo. Tal sorte não teve o piloto, trespassado a meio, como um vampiro de um outro imaginário, por um ramo que furou o polímero do *cockpit* e atravessou a carlinga de um lado ao outro. Levanto-me com as pernas a tremer, liberto do cinto e esvaziado o balão antichoque. Luzinhas festivas cintilam junto ao peito rebentado do

piloto. Reflexos dançam nas esferas das decorações natalícias salpicadas de sangue que cobrem as folhas do tronco invasor. Estrelinhas piscam ainda nas extremidades das ramagens. « Raios », comenta Adelaide, uma veterana de sete missões. « Já viemos tarde! A porcaria das árvores já estão decoradas! ».

« Sair, sair, sair », ordena o tenente recitando o óbvio. « Espingarda engatilhada, baioneta montada, verificar munições. Abandonar todos os feridos. Não há tempo para tretas, simpatias ou piedade no serviço. Não há comunicações de rádio para ordenar EVAC ».

Dos dez que éramos, restam ainda seis comandos activos e totalmente funcionais. Cegos e surdos ao resto do mundo, como é habitual neste tipo de guerra. Mas raivosos e prontos para um combate a sério depois de anos de treinos apenas em RV.

O planador, porque é quase elástico, não chegou a partir-se ao meio. De qualquer modo abriu brechas por onde entram rajadas de vento gelado. A porta para o exterior, agora num ângulo de 45°, abre-se à terceira bastonada. Um a um deixamo-nos cair sobre um solo que aos poucos a magia transfigura.

Faz frio, aqui, a poucos quilómetros do lago Saimaa, dez graus negativos nesta madrugada do vinte e quatro de Dezembro, mas não tanto como seria de esperar. O clima da Finlândia é razoavelmente ameno, mesmo durante o Inverno. A bater com as botas no chão, a ver se aqueço os pés que mal sinto, ainda a ferver no furor ácido da adrenalina, deito uma espreitadela à bússola que trago no pulso, mas é o mesmo que olhar para um relógio de sol à meia noite, os resultados são nulos, a agulha rodopia, furiosa, em busca de um Norte que deixou de existir... O que significa que estamos no lugar certo, e que devemos caminhar na direcção onde a realidade se manifeste de um modo ainda mais instável. Amanhece, e algures, no topo das árvores que o planador não desbastou, há passarinhos que cantam, é Natal, é Natal, trálalala... Holstein diverte-se a calcar sob as solas uns quantos origamis que resolveram poisar por ali. As criaturas esvoaçam a esmo, soltam gritinhos de dor, procuram escapar-se, mas a água e a

neve fazem-lhes pesar as asas de papel lustroso, e o Holstein, quando lhe dá para ser torto, revela-se implacável.

«Dispersem-se, sigam na direcção do lago, se tiverem dúvidas aspirem o ar...», sugere Yosef, didáctico, como se antes da missão não houvessem horas e horas de *briefings* exaustivos. «O Nódulo deve estar perto das margens. Pelo menos é ali o loci de maior instabilidade em todas as fotografias dos GEOSAT. Não se deixem desorientar pelo que virem à vossa volta, não se desviem do caminho correcto, respondam com fogo apenas se forem abordados, Holstein, isto é contigo! Atitudes como essas já deram cabo de comandos bem melhores do que tu. Controlo! Controlo! Entendido?». Holstein deixa de espezinhar criaturas de papel que a magia natalícia animou e acena com a cabeça, contrafeito. Deveria gritar, «Sim, meu tenente!», mas não o faz, razões de sobra para uns quantos pontos de demérito quando voltarmos à base...

Posto que não há mais nada a fazer, começamos a caminhar, com prudência, de armas em riste, separados uns dos outros por um espaço de dez metros. À nossa volta, sobre a casca dos pinheiros, dezenas de variedades de líquenes fulgem como se estivessem ligados a uma microcorrente eléctrica. Mais acima, nas ramagens cobertas de neve, pingentes de gelo tilintam acordes de melodias ancestrais. É verdade, os sons que ouvimos nada têm de caótico, representam velhos cânticos de natal esquecidos nas faixas de um disco de vinil. E por todo o lado há presentes. Presentes aglomerados junto à base dos troncos, presentes pendurados nas ramagens, presentes junto às estátuas de bonecos de neve que são cada vez mais frequentes, bonecos com um coco na cabeça e uma cenoura a fazer de nariz, bonecos que nos piscam as contas dos olhos e sorriem, santo Sony, sorriem, como se estivessem a convidar-nos a parar ali, de uma vez por todas, como se fosse possível esquecermos os protocolos da missão, puxarmos pelas fitas às prendas, e gozarmos enfim uma ceia de Natal na companhia de todos os camaradas e demais convidados.

«Já pensaram em abrir um daqueles embrulhos», pergunta Louis F. a quem o queira ouvir. «Acham que foram feitos para nós? Espe-

cialmente para nós e para mais ninguém?». «Caluda», rosna o tenente, imobilizando-se, de dedo levantado, furioso. «Comentários desses só prejudicam os protocolos da missão. Claro que os presentes são para ti, idiota! Todos eles! Qualquer um deles! Mas atenta bem nisto. Se te aproximares, se te passar pela cabeça espreitar para um único que seja, garanto-te que te estouro com os cornos aqui mesmo, à frente de todos, e que se lixem os seguros! Ouviram todos? Não percebem que estão perdidos se vos passarem este tipo de obscenidades pela cabeça?».

«Merda!», exclama Stela, dobrando os joelhos, erguendo a baioneta na direcção de uma fileira de coelhos brancos do tamanho de uma criança de seis anos, todos perfilados, de jaqueta vestida e botões a brilhar, imóveis, sorridentes, de patas atrás das costas, como se estivessem à nossa espera. Alguns trazem laçarotes ao pescoço. Outros, chapelinhos multicores, boinas ou gorros de lã, com dois buracos para enfiar as orelhas. As coelhinhas, porque também estão presentes em número par, protegeram a cabeça com lencinhos de renda, e arrastam pela mão ninhadas de coelhos mais putos, protegidos por tufos de fraldas enormes. Estão todos juntos, em barreira, a cantar. Como se a canção fosse uma arma, os idiotas. Como se o pacifismo fosse um detractor da violência.

«Fogo à vontade», diz Yosef, baixinho. E todos nós obedecemos. As nossas armas não são automáticas. Coisas dessas costumam encravar nos lugares onde só a magia é senhora. Servimo-nos de uma tecnologia com mais de cem anos, mas esta é uma tecnologia que mesmo assim funciona. O cheiro arcaico a cordite mistura-se com o perfume da caruma. Tufo ensanguentado de pêlo rodopiam no ar. Esguichos de sangue de roedor tingem a brancura impossível da neve. Coelhinhas bebés são empatados pelas lâminas das baionetas. Holstein, que gosta deste tipo de estímulos, ri à gargalhada enquanto viola coelhas com o aço da lâmina. Os bichos não fazem nada para se defender. Deixam-se matar como tordos. E enquanto morrem continuam a cantar.

Já vos falaram no efeito sedutor das projecções subliminares? Imagens escondidas nos ecrãs do televisor que vos levam a comprar uma

nova consola Nintendo? Ou os serviços de uma *call-boy/girl*, Ou um copo de Novi Coca-Cola? Aqui as mensagens chegam através de uma canção de rimas inócuas. E são mensagens terríveis, porque penetram mesmo através dos protectores auriculares. Mensagens que puxam ao sentimento, à lágrima fácil, à harmonia hipócrita entre todos os homens. Mensagens que nos dizem para dar em vez de comprar. Mensagens que nos oferecem presentes. Todos, todos os que quisermos, em troca da paz, para adoçar o gosto da derrota.

Quando o massacre termina, a camarada Adelaide soluça, prestes a deixar cair a espingarda. Horror, horror, murmura baixinho, em estado de choque. Holstein aproxima-se dela, segura-a pelo cotovelo, e murmura-lhe ao ouvido: «Cala-te, cabra! Será que não percebeste nada? Nunca comeste caça na vida? Nem coelho de aviário? São simulacros, nanoconstructos, não ligués». Erro, erro, erro. Estúpido Holstein. As novas crenças não se desprogramam dessa maneira. Adelaide saca da catana que traz a cintura, fá-la rodopiar num movimento que meses de treino tornaram elementar, e aqui está Holstein, com meio metro de aço enfiado na barriga, a olhar, intrigado para a emergência das tripas. Holstein tomba de joelhos, aos gritinhos, «Evac, Evac, mayday, mayday». É a última coisa que consegue dizer. Yosef abate-o com um tiro na nuca e depois volta-se para Adelaide e, antes que ela possa ripostar, antes que esta se dobre para recuperar a espingarda que ainda há pouco deixou cair, abate-a também, sumariamente, como quem espalma um insecto.

Nós não fazemos nada para o impedir. Neste caso, Yosef não deixa de ter razão. Inútil prolongar a agonia de idiotas. Inútil permitir que um seduzido permaneça entre os puros. Pior do que tudo, agora somos apenas quatro. Quatro elementos na periferia do Loci. Com um dia pela frente antes do apocalipse do Natal.

«Mudança de táctica...», diz o tenente, acendendo um cigarro tão ilegal quanto politicamente incorrecto, para que o fumo disperse a eminência de outros perfumes. «Não convém aproximarmo-nos juntos da fábrica. Quanto mais próximos, ao que se viu, maior será a sedução. Não estou nada interessado em que o grupo se autodestrua. Cada

um por si, a partir de agora. Lembrem-se que o objectivo principal é a eliminação do cabrão vermelho com o máximo de prejuízo. Esqueçam as renas e os duendes. Esqueçam os biosimulacros. Matem-no antes que seja meia-noite! Entendido?». Em casos como este, não sei o que será pior. Mergulhar sozinho, em pleno mistério, sujeito a todo o tipo de seduções, ou avançar a medo, acompanhado por uma mão cheia de camaradas psicóticos prontos a virarem-se contra mim e a abate-rem-me pelas costas. Longe da vista, não só deixei de ser alvo, como já não posso comunicar com eles. A antena implantada no mastóide não funciona. A Inforede deixou de projectar os *logos* de acesso sobre a minha retina. Impossível visualizar a minha posição num mapa virtual. Agora, só oiço os cânticos, o tinir de mil sininhos, o estalar natalício dos pingentes de gelo, o escocear de um bando de renas voadoras, lá no alto, escondidas pelas nuvens baixas. De baioneta artilhada, com os dentes cerrados, sigo em frente. Pairam no ar frígido uma variedade insuportável de perfumes. Cheira a faturas, filhós e pão acabado de cozer. Cheira a açúcar queimado sobre milhares de pratos de leite-creme. Cheira a perus a assarem nos fornos. Mas eu, que passei um ano a sofrer um treino intensivo de terapias de aversão, eu, que só suporto comer vegetais cozidos e sushi, estes perfumes parecem-me pútridos e nauseantes, demasiado ricos, cancerígenos, eminentemente fatais. Mas é o faro que me ajuda a aproximar-me das margens do lago Saimaa. É dali que o vento sopra, trazendo consigo as moléculas inefáveis da sedução. Do lugar onde a fábrica cresceu. Onde o ogre se acoita.

Lá ao longe, para a minha esquerda, meio abafado pelas ramagens e pelas irregularidades do terreno, oiço gritos, soa o disparo solitário de uma espingarda logo interrompido pelo relinchar de múltiplas renas. Encolho os ombros e sigo em frente, sem fazer nada. Treinaram-me para ignorar todos os apelos. Os gritos de ajuda, verdadeiros ou falsos. As chamadas patéticas ao sentimento. Os presentes, cada vez em maior quantidade, pendurados nas ramagens, todos eles com o meu nome escrito nos cartões de visita.

Duendes de bochechas rosadas, barretinho vermelho e botinas de lã, montam bancadas à beira do carreiro, a transbordar de doces sobre

uma toalha de linho, fazem-me sinais para que poise a arma e vá ter com eles, soltam risadas joviais, acenam com canecas de grogue fumegante. Sigo em frente, sem perder tempo a abatê-los um a um. Esforço inútil, pois são aos milhares, brotam da terra no interior de cogumelos/útero, não passam de subsistemas de apoio de uma unidade bem mais vasta e complexa. Ninguém sabe ao certo se esta infestação é um produto nanotecnológico de uma qualquer organização socioterrorista disposta a sabotar as operações comerciais do fim do ano. Se nanoconstructores existem, eles escapam a todo o tipo de análise pois decompõem-se rapidamente mal o nódulo responsável é eliminado. Pode dar-se o caso de que a anomalia São Nicolau seja o primeiro passo de uma invasão extraterrestre. Se assim for, trata-se de uma das mais estranhas invasões jamais concebidas, pois deseja exterminar a humanidade pela consecução dos nossos desejos mais secretos. Afinal nada que os gregos não tivessem já pensado aquando do cerco de Tróia.

Duzentos metros mais à frente, envolvidos numa bruma rasteira de vapor de água proveniente das microcaldeiras que fazem mover alguns deles, eis-me enfim confrontado por um exército de brinquedos em fúria. Trata-se de uma barragem feita de locomotivas de olhos arregalados e bocarras arreganhadas a cuspirem novelos de fumo colorido. Bonecas de loiça vestidas de renda, armadas de agulhas de coser. Palhaços de mola a saltarem do interior de caixinhas douradas. Arlequins mecânicos, com as chaves a rodarem nas costas. *Teddy-bears* dentados com o indispensável laçarote vermelho ao pescoço. «Tic-toc», gritam alguns, num berro de desafio. «Olá, olá», dizem outros, mais sociáveis. «Tuuut», clamam as locomotivas, de rosto furibundo, com as rodas a rodopiarem, prontas para a investida final.

Pela parte que me toca, fecho os olhos, concentro-me, invoco os códigos hipnóticos que me transformam num *berserker* temporário, mordo o lábio insensibilizado pelo frio, e ataco. E chegou agora o momento de me perguntarem como é isso de atacar uma guarda avançada de brinquedos? Já conhecem a resposta. Nunca destruíram um deles quando eram crianças? Nunca abriram a barriga de um boneco

só para espreitar a mecânica mágica das engrenagens? Nunca lançaram um carrinho de corda contra uma parede implacável? Nunca escortanharam um livro indesejado com uma tesoura de pontas rombas? Nunca torceram o pescoço às bonecas das vossas irmazinhas? Nunca obrigaram o vosso avião de balsa a fazer uma aterragem forçada, sem combustível, sem rodas, sem nada que o proteja da hecatombe? Então não precisam que vos conte o que aconteceu. Se este relatório existe, e vocês estão a lê-lo, é porque eu sobrevivi às dentadas, picadas, mordeduras, entalços, atropelamentos, queimadelas, enlaços de quem me quis mal. Sobrevivi e deixei atrás de mim uma mini Verdum. Só não sabia que os bonecos choravam e gritavam ao morrer. Pois fiquem sabendo que choram. Que todos eles gritam em lindas vozes pré-gravadas. Que chamam pelo pai e pela mãe. O síndrome de Disney também aqui chegou. O antropomorfismo faz parte do encantamento.

O confronto não dura mais de dez minutos de tempo real. Infelizmente, o meu pobre organismo, acelerado por toda uma farmacopeia de neuroestimulantes, percebe-o como duas horas de vagaroso massacre. Saio dele a tremer de frio, exausto, com os músculos a arder devido à sobrecarga de ácido láctico. Mal sinto o braço esquerdo, escortanhado por dezenas de pinças e ágeis mãozinhas de quatro dedos. Tenho os tornozelos queimados pelo assédio escaldante (mesmo através da espessura das botas) provocado pelas fornalhas das locomotivas pedagógicas. O colete de kevlar, escondido sob o anorak, encontra-se arrombado devido aos desgastes dos obuses lançados pelos soldadinhos de chumbo. Alguém que me quer mal deve ter incrementado o impacte balístico de todos esses projecteis miniatura. Fizeram mossas, mas não penetraram. Melhor sorte para a próxima vez! Deve ser por isso que ainda estou vivo. E a caminhar rumo ao Nódulo de Incerteza.

Bracinhos de bonecas estalam sob as minhas botas. Olhos azuis reviram-se nas órbitas de loiça. Ursos de peluche tentam ainda enfiar nas barrigas abertas, tufo de algodão que se comportam como intestinos. Locomotivas viradas de rodas para o ar, soltam um derradeiro

suspiro de vapor contra a brancura impossível da neve. Sigo em frente, não quero saber, o pior está para vir.

À medida que me vou aproximando das margens do lago Saimaa, é como se em pleno Inverno, mergulhasse aos poucos numa frágil e terrível Primavera. O solo aqueceu, entretanto. A neve primeiro tomou-se mais fluida, depois transformou-se em poças de lama túrgida e por fim desfez-se por completo, dando lugar a tufos de líquenes e erva vicejante. Efeitos secundários de uma contaminação *nanotech*, explicou-me um dia o meu instrutor. O calor resultante de milhares de máquinas invisíveis a decomporem os minérios do solo nas suas partes constituintes, tinha de ir para algum lado, espalhou-se no ar, despertou as sementes enregeladas, chocou os ovos dos insectos, fez desabrochar florinhas silvestres.

Lá ao fundo, a poucas centenas de metros, sobre a copa das árvores, desenham-se já os telhados de colmo de uma choupana gigante. Os cânticos natalícios tornam-se mais fortes, insistentes, mas não conseguem esconder os ruídos de centenas de martelinhos a baterem nas cadeias de montagem. Não é difícil imaginar fileiras de gnomos rubicundos, de barbicha branca e ferramentas nas mãos, de pé, junto às bancadas da fábrica, ploc, ploc, ploc, a ajustarem os últimos pregos na nuca de uma marionete, ou o derradeiro parafuso na caldeira de uma locomotiva sorridente.

Esgotei todas as balas no massacre dos coelhos e no combate contra o exército de brinquedos. Não vale sequer a pena utilizar minas trópicas ou granadas semi-inteligentes, pois os mecanismos de disparo, longe das minhas mãos, deixam sempre de funcionar. Por isso abandono no chão a espingarda inútil mais a baioneta que aos poucos se enferruja, saco a catana cuja lâmina tem a espessura de um átomo, e assim armado, coxo como um velho samurai, penetro na clareira.

Pelos vistos não fui o primeiro a chegar. Há vinte renas mortas espalhadas no parque de estacionamento da choupana, junto ao esqueleto de um trenó gigantesco. Renas de gargantas cortadas, tóraxes explodidos, de patas para o ar e olhos cristalizados num esgar de fúria.

Dois dos meus camaradas, Helena Yu e Eduardo Piau, jazem entre elas, empatados pelas hastes das criaturas moribundas. Turbilhões de vapor elevam-se das águas do lago, junto às canalizações que brotam das traseiras da fábrica. Moinhos de vento feitos de um material que não consigo identificar rodopiam num gemido eufórico. A tarde já vai longa sem que eu consiga perceber onde gastei tanto tempo. Ainda há poucas horas era madrugada. Agora escurece. Tenho de despachar-me. Ele é tão forte, à noite... Se não o apanhar agora, está tudo perdido. Felizmente ninguém dá pela minha presença. Tanto melhor.

A porta da choupana não está trancada. São Nicolau sempre recebeu a humanidade de braços abertos. Até mesmo este vosso humilde cronista, que dela se aproxima com o coração cheio de más intenções. Tlin, faz um sininho discreto sobre o portal. A entrada dá para uma sala de estar com uma lareira acesa e poluente onde crepitam carcaças de pinhas. Uma árvore de Natal ao canto, junto à janela, projecta no ar perfumes de caruma. Uma chaleira fumeja sobre o lume. A alcatifa, borrada pela lama que se me cola às botas, abafa-me os passos. De catana pendente, deixo-me ficar.

«HoHoHo, Feliz Natal», diz uma criatura enorme, vestida de vermelho, com a barriga quase a estalar sob o cinto de couro, rosto oculto por um par de óculos e uma barba branca e imensa que lhe chega ao umbigo. Bem vindo a minha casa, Ricardo Wei.

São Nicolau está sentado num trono todo ele feito a partir de ossos de rena. As botas luzem como se fossem feitas de uma substância viva. A fivela do cinto revela uma sequência intraduzível de runas. As mãos enluvadas repousam sobre a curvatura da pança. – Como é que sabes quem eu sou? Qual é o sentido de todo este jogo? Quem és tu? Sabes perfeitamente quem sou. Responde a criatura com uma voz de trovão. Tal como eu sei quem és, tal como eu conheço o nome de todos os outros meninos da Terra... Recebi a tua carta, Ricardo Wei. E se te portaste bem, tenho aqui os brinquedos que pediste...

Sinto os joelhos a tremer, a garganta seca e sem uma só gota de saliva. Nenhum dos compostos químicos que me correm pelo sangue

conseguem controlar o medo terrível que esta criatura me inspira. Falso, todo ele é falso. E contudo ano após ano, repete-se esta loucura, este atentado aos mais elementares princípios da razão. Todos os anos surge uma anomalia nova no território da Finlândia. Todos os anos ele volta, mais forte e sedutor do que nunca, preparado para despejar toneladas de brinquedos por todos os telhados, janelas, varandas, chaminés do mundo. Uma sabotagem económica à escala planetária. Como é que ele sabe o meu nome? Como é que conseguiu ultrapassar os protocolos de acesso à Inforede? Como é que consegue animar um origami, fazer cantar um coelho ou pôr renas a voar?

Sei as razões por que vieste ter comigo, Ricardo. Sei que pensas que eu sou um nanoconstructo e não um artigo genuíno... Sei que estás a soldo das Corporações Gates/Sega/Nintendo. Triste é o menino que deixou de acreditar em fadas. Triste do homem que perdeu o sentido do luminoso. Poisa essa catana, salariman Ricardo Wei. Converte-te ao espírito de Natal. Entrega-me o teu coração e recebe as prendas a que tens direito...

Recuo dois passos até esbarrar contra a mesa que enche a quase totalidade da salinha de estar. Sobre ela, está um *comic* que o meu pai rasgou quando eu tinha sete anos e nunca mais consegui recuperar. Está um avião de passageiros desmontável, capaz de piscar as luzes e fazer de conta que levanta voo, que ofereceram ao meu colega de carteira e que eu só vi uma vez de relance e depois nunca, nunca mais. Está um *kit* completo para construir uma reprodução da criatura da Lagoa Negra, com tintas, pincéis e tudo. Está a máscara genuína do monstro de Frankenstein em borracha moldável. Está um cavalo mecânico de lata, com a chave cravada no dorso, que o meu irmão destruiu e lançou para o caixote do lixo sem me dizer nada. Está...

Desvio a cara da mesa com um esforço terrível. As prendas são tão impossíveis quanto os potes de ouro escondidos do outro lado do arco-íris. Os meus instrutores informaram-me que receber aquilo que sempre desejámos, é morrer um pouco e perder a capacidade de aspirar ao impossível. Levanto a catana, bem segura entre as duas mãos.

E mesmo assim recusas, Ricardo Wei? Consegues trair com um gesto os desejos do teu coração? Então mata-me, se é isso que queres. Renega a magia e converte-te ao virtual. Sabes o que se costuma dizer por aí? Que a recusa à tentação só funciona se ela acontecer uma única vez... Mas eu vou estar cá para o ano, filho, vou estar à tua espera... OHOHOH, feliz Na...

A catana descreve um círculo implacável. A lâmina monomolecular beija o pescoço de São Nicolau, corta a fundo como se estivesse a atravessar manteiga, e brota do outro lado com um ruído mole. A cabeça da criatura separa-se do corpo imenso, descreve um arco luminoso e vai tombar junto a fogueira. Do pescoço seccionado não jorra um único jacto de sangue. Ainda sentado no trono, o tronco de Nicolau esvazia-se como se estivesse apenas cheio de vento. Pouco depois o fato vermelho, vazio e amarfanhado, desaparece. O trono desaparece. O pinheiro de natal desaparece. Todas as prendas desaparecem de cima da mesa. As paredes da choupana transformam-se num súbito turbilhão de cinza derramada. Sob os meus pés o soalho estremece, perdendo a contextura da carpete, do madeirame, da pedra que existia por baixo, para voltar apenas a ser lama e neve. Em fracções de segundo, a fábrica anexa dos brinquedos também deixou de existir. O trenó desapareceu de um pátio que voltou a ser uma simples encosta lamacenta junto às margens de um lago gelado.

E eis-me sozinho, sob o clamor das estrelas nascentes, a tremer, rodeado apenas pelos corpos dos meus dois camaradas. A anomalia desapareceu como por encanto, como se estivesse a fazer de propósito.

Levanto os olhos na direcção do céu. Satélites piscam nas alturas, de novo visíveis. Um farrapo de música cave chega-me aos ouvidos, sinal que o implante no mastóide voltou a entrar em linha. No canto esquerdo da retina, acendem-se os *logons* de acesso a Inforede.

Digito no ar os códigos de acesso, maravilhado por esta outra forma de magia. EVAC, EVAC, peço a quem me escuta, venham-me buscar. Anomalia terminada com o máximo de prejuízo. Único sobrevivente... Seguem-se as coordenadas topológicas...

Entendido, responde a voz maravilhosa e sintética da operadora de sistemas. VTOL em vector de aproximação. ETA dentro de vinte minutos. Parabéns pelo sucesso da Missão. Gates/Sega/Nintendo prevê um aumento de vendas para o Natal de 70%, e um bónus de 100 000 yenes. Felicidades. *Op out.*

Enquanto espero ser recolhido, juro a mim mesmo que não vou voltar para o ano que vem. Outros que façam o trabalho sujo, que sofram em meu lugar as agruras dos desejos impossíveis. Juro, uma, duas, três vezes e sei que enquanto juro estou a mentir. A anomalia tinha razão. Tinha razão ao dizer que a virtude só resiste uma vez. E o Natal, oh horror, é todos os anos...

Novembro 1996

NÃO FOSSEM AS TREVAS CAIR

Luís Filipe Silva

Era garoto e vivia no espaço, vivia naquela mansão grandiosa, cheia de corredores vazios e cinzentos, com portas de cada lado como janelas fechadas, que davam para quartos e outros mundos que nunca conhecera e que cheiravam a sótãos por descobrir e arcas com infâncias dentro guardadas. Vivia no espaço do Verão, na linha que medeia entre o equinócio da Primavera e o solstício das férias, sob o foco da ribalta. Ao redor dessa porção de luz cercavam-nos as trevas. Fui sempre advertido contra a floresta. Tinha muitos perigos, diziam-me, não era um sítio próprio para os rapazinhos pequenos brincarem. De modo que tinha de ficar limitado às fronteiras onde a luz se tornava gradualmente no espectro da noite, uma metamorfose tão lenta e passiva que ganhava, ela própria, uma dimensão sua, uma zona crepuscular de cambiantes de cinzento, corredores abandonados de janelas com rostos de portas. A minha vida adquiriu um ritmo circular de ida e recomeço, o qual me perseguiu durante grande parte da juventude. Circular na forma de descobrir os dias, do levante à queda e ao levante seguinte, de percorrer o espaço, medindo-o com passos ou com anos métricos. Sentia na pele a maldição que Newton descrevera, a proporcionalidade entre os períodos orbitais e as áreas a percorrer por objectos celestes. No foco da elipse ficava a casa, o Verão, a liberdade; afastava-me desse Sol com desespero e nostalgia precoce, podendo embora antever o momento, longe no horizonte, em que a imutabilidade dos costumes nos faria reencontrar. Mas as coisas começavam a abrandar, os dias a perderem terreno, a minha pressa a ganhar forma; era uma pressa inútil e angustiante, pois cada segundo exigia ser vivido com a duração do minuto, lançando garras em direcção às minhas pernas, com um sorriso perverso, quando fizesse ganas de correr. Mas depois o Sol aproximava-se, via a sua sombra na curva das semanas, e a queda ganhava um ímpeto anormal, a criatura em mim sabia que era tempo de carregar fundo no travão, como o papá fazia na auto-estrada antes de passar por um dos locais onde a polícia costumava esconder-se. Era tempo de encurtar a passada e fazer da permanência o nosso deus.

As portas de carvalho vermelho da mansão, corroídas pela chuva ácida de que se queixavam os ecologistas e que seria responsável pelo desapa-

recimento da floresta, décadas mais tarde, abriam a sua bocarra numa chiadeira dos diabos para exporem o ventre da besta. Dele surgiam a correr, como pássaros espavoridos, os meus tios, por vezes seguidos dos dois criados, há tanto tempo ao seu serviço que eram vistos mais como família do que como servos (mas de um modo implícito e nunca definido; nunca os vi comer conosco à mesa, mesmo quando não tínhamos visitas, nem participar das nossas festas, ou terem assunto de preocupação na mais banal das nossas conversas). Saíam os meus tios de braços abertos, e ainda o Renault vinha na entrada, a galgar a pequena elevação que separava o portão da estrada dos comuns. Eu era a vida e luz daquela casa, a santíssima trindade descida à terra do mundo dos arranha-céus de vidro e aço com a mão estendida num pedido de carinho. Não tinham filhos, os meus tios. Houvera um acidente, anos antes do meu nascimento, daqueles que correm sobre a superfície dos comentários e se escondem na dobra dos contextos, especialmente quando crianças estão presentes, de modo que nos obrigam a ouvir com redobrada atenção, adivinhar o que não é dito, preencher os espaços vazios. Não lhe conheci os pormenores até uma certa idade, aquela que os meus pais consideraram apta para compreender certos segredos de família, mas conseguia adivinhá-los com a facilidade perceptiva das crianças, que só não vêem o que não querem, por muito que lho escondam. De qualquer modo, fora-lhes negada a capacidade de se multiplicarem como as amebas, e a minha tia, religiosa devota por herança da sua mãe (e que lhe foi inteiramente deixada, não sobrando – felizmente! – nenhum quinhão para a mamã), não quis ouvir falar sequer em inseminação artificial ou mães de aluguer. Eram aberrações, a seu ver, antinatura. O enredo que Deus tracejara a ouro no Seu livro sagrado tinha de ser fielmente representado, com as devidas pausas de pontuação e correctos movimentos no palco; onde já se vira um actor sair do texto, precipitar acontecimentos, introduzir a improvisação, o caos naquele universo de palavras tão alinhadamente dispostas no papel? Sobre criatura, pensaria o eu mais conhecedor, se tinha mesmo de acreditar num Deus todo-curioso, num destino feito de pedra, por que não acreditaria que, vindo a ciência das mãos dos homens, e sendo estes filhos do Senhor, ela não seria mais que Sua neta, a Sua dádiva para tornar a nossa breve estada neste Paraíso imperfeito mais suportável? E então a resposta

brotaria de imediato aos meus lábios, mesmo sem ter invocado em voz alta a pergunta; era a resposta apropriada a todos aqueles que, através do tempo, se assemelharam à minha tia na sua clausura à mudança, e se desculpavam com o nome do demo: o medo profano de descobrirem, enterrado na mais profunda cova dos seus cemitérios espirituais, no solo fértil da amargura e desilusão, mas abafado por camadas sobre camadas de hipocrisias e benzeduras falsas, que, na verdade, eles não tinham Fé absolutamente nenhuma.

Assim, tive de aprender a comportar-me como a medalha de bronze que eles esperavam, o prémio de consolação aos que não atingiam o primeiro lugar. Não me foi difícil, pelo contrário, se há algo que mais agrada a um miúdo de seis anos que ser o alvo constante das atenções dos adultos e obter todo o tipo de mimos imaginados, é que essas atenções e esses mimos venham dos pais, e não dos tios que só via no Verão. Essa era a minha amargura pessoal. Foram tão raras as ocasiões em que me senti feliz com os meus pais que posso apontar a dedo as datas específicas. Todos os outros dias são noites. Ou pelo menos, tão desprovidos de luz que se imiscuem naquela dimensão particular em que a ausência da memória dá lugar à memória da ausência, e diante de nós se estendem os corpos das árvores, frias, distantes e proibidas, como o amor dos meus pais. O truque foi procurar o que me era negado naqueles para quem eu me chamava dádiva, conceber um pacto de conforto mútuo e assistência contra as trevas galopantes que haviam arruinado o que de melhor nos prometera a vida. E pensar que seria só um borrão, um esguicho de tinta negra sobre o parágrafo onde estavam descritas as nossas existências, que trocara as voltas ao drama, e me fizera pertencer ao casal errado; uma mancha no livro de luz daquele Deus a quem a minha tia murmurava de mansinho, todas as noites, ao ir deitar no berço o filho que lhe fora negado.

Não podia sequer aproveitar-me da fome dos meus tios para fazer ciúmes à mamã. Ela e o papá pouco se demoravam; o tempo tinha o condão de escassear-lhes mal se viam livres do fardo. Como se eu fosse a corrente que os impedisse de correr. O Renault depressa virava as costas e seguia caminho, após uma breve pausa para troca de meia

dúzia de mexericos e o saborear de um gole de xerez, o seu potente motor trovejando de impaciência na berma dos portões enquanto aguardava a brecha inevitável no fluxo do trânsito, antes de mergulhar no mundo. A tia via as lágrimas secas correrem-me pelo rosto, e cingia-me com o seu abraço de galinha. Mas sabia, tão bem quanto o sei agora, que é impossível consolar alguém quando a tristeza não aceita palavras. Somos ilhas, estamos demasiado afastados para que nos consigam alcançar. Mas, felizmente, quando temos seis anos e um certo ritual de solidão se instala na rotina, a memória torna-se curta e volátil, e a luz invade sem demora a nossa disposição. Há muito para ver, há trilhos que pedem para ser calcorreados, há pequenos rituais a executar, certas solenidades antes das quais não se pode considerar que o Verão tivesse realmente começado. E, antes que nos demos conta, estamos a mergulhar no oceano de cores e sons e formas, de volta à essência das coisas nuas e expostas ao vento. Somos um espírito selvagem, um potro à solta que experimenta as proto-asas que lhe crescem no dorso. As ramagens tocam-nos, as folhas cobrem-nos, o calor envolve-nos num abraço familiar, para depois se afastar alguns passos e sentar-se defronte de nós, vigiando-nos no nosso sono à sombra fresca do carvalho. Não havia mais ninguém, e no entanto estava menos sozinho do que nos recreios do colégio, sempre atafalhados de malta. Porque, ali, eu falava a mesma linguagem. E, claro, tinha os meus tios. Podia chamá-los quando me sentisse aborrecido da minha presença, para atazaná-los um bocado, confundir-lhes as voltas, em suma, divertir-me a experimentar o poder que as crianças detêm sobre os adultos; e esquecer, ao mesmo tempo, a forma como tinha sido abandonado, a velha angústia que, de tempos a tempos, encontrava a bater à porta. Chamava-os pelo seu parentesco, mas os títulos estavam adulterados; uma convenção estúpida determinara que, àqueles que são o solo onde a nossa raiz ganhou carne, será prestada a nossa devida gratidão, e respeitá-los-emos como a extensão do nosso sangue, o corpo da árvore de onde brotamos e amadurecemos, antes de mergulhar no terreno e iniciar novos rios. Os meus pais tinham sido o solo, mas não a raiz, o alimento, mas não a mão que o estendera. «Tia», porque irmã da mamã? «Tio» porque, num café à margem do

Sena, sentindo o aroma das *madeleines* provocar-lhe recordações que não eram suas, dissera sim a uma palavra sinónima de laço? Mas eles seguraram-me ao colo no início do universo e olharam-me como se fosse feito de açúcar, eles puxaram a coberta até à boca quando a noite estava fria e a mamã azedava a um canto à espera que o papá largasse a secretária loura, revendo as velhas fotografias em que lhe assentavam correctamente os fatos de corte cinzento, o tempo em que o rosto estava nu de pelugem e nos olhos não havia ainda sinais de etiquetas de preços com o carimbo VENDIDO. Eles haviam soprado o ar nos meus pulmões limpo de nicotina, massajado a pele onde ardiavam as marcas deixadas pelo conhecimento; haviam-me descido da árvore tremendo de frio e encharcado, lançando o manto do amor sobre as minhas costas. A tia abraçava-me nas noites escuras quando o vento soprava, quando tudo o que parecia existir era a voz distante da ausência, de algo que passava e não voltaria. O tio esforçava-se por espicaçar a minha alma, dobrando-se no chão e imitando animais inventados, dando corpo às fantasias invisíveis da infância; tornava-se no ornitorrinco falante, aderindo os dedos retesados de uma mão aos lábios e falando numa voz roufenha de pato. E eu, embora animado por uma réstia de orgulho que procurava rejeitar aquela criancice totalmente inadequada para o adulto de seis anos que era, descobria a minha garganta a desobedecer às ordens de maturidade, os meus ombros a quebrar o feitiço de pedra, e caía no chão a rir, rebojava-me no tapete ao presenciar a figura ridícula daquele portentoso de homem curvado de encontro à minha barriga, fazendo-me cócegas e soltando gritos de encorajamento e riso. As gargalhadas inundavam a casa, coloriam as paredes, esvoaçavam como ecos acabados de nascer de sala em sala, de memória em memória, tocando, reproduzindo-se, curando. Eram um bálsamo de esquecimento que colocava nos olhos da tia o brilho húmido da tristeza que havia retirado aos meus. Esses olhos incendiavam-se como dois faróis potentes em pleno mar alto. A união suprema acontecia diante de si, em que sonho e segredo tomavam forma na cena familiar das duas crianças enroscadas no tapete, e sabia, com a certeza de que a morte sucede à vida, que não a poderia manter para sempre.

Havia tanto que eu desconhecia, tanto que só iria compreender anos mais tarde, no fim do túnel, quando o retorno e emenda se tornassem impraticáveis. Mas, naquela idade, via apenas o horizonte da mansão, o limite dos meses de férias, contemplava com entrega somente o meu abandono. A dor no rosto da minha tia passava-me despercebida, habituara-me a encontrá-la lá; constituía uma dimensão própria da sua personalidade. Estranharia se desaparecesse de súbito, mas não perdia segundo algum a questionar a sua presença. Só conseguia antever o presente: nunca suspeitaria que ela olhava já para os dias de solidão, distantes no caminho, em que os teria de atravessar pelos próprios pés. Observava a fonte que nutria a sua felicidade e, simultaneamente, negava o alimento; destruía com tamanha eficácia o facto, que o sentimento confundia o seu espírito, tornava a onda de alegria na intenção de uma bofetada. Eu não poderia resignar-me a ser o substituto do filho que não teve; teria também de ser volátil e passageiro como o Outono, incorporar em mim o fado da impossibilidade, e comportar a promessa de os abandonar no fim do período de graças, para que fosse possível ela reencontrar o equilíbrio com a sua penitência, regressar à longa jornada pelo frio.

Mas eu tinha apenas seis anos. Tinha a inocência da despreocupação; ignorava a causa e o efeito, mostrava a língua à mudança. Se o dia de ontem tinha sido perfeito, e o de hoje fosse a sua continuação, porque me preocuparia com o que pudesse acontecer no distante amanhã? Que motivo invocaria para recear a seta do tempo, se não fizera nada que causasse a sua mudança? Ainda vinha longe a data de regresso dos meus pais, estava distante o final de Setembro, a sombra de Inverno. Corria célere pelo jardim, atravessava a mata como um espírito sem corpo, aventurava-me pelas primeiras árvores da floresta antes de ser detido pela lembrança da proibição. Divertia-me a valer com as histórias nocturnas do tio, contadas no pórtico da casa, enquanto a lua nos vigiava e uma ligeira brisa ameaçava apagar de vez as estrelas. Desatava às gargalhadas e aos pulos quando ele fazia a mais espectacular das suas imitações; a de Astérix. Ia buscar um guarda-chuva velho e desengonçado cujo cabo de madeira se encontrava comido pela humidade e

o tecido, outrora negro, ostentava grandes rasgões onde fora devorado pelas traças, e abria-o sobre o seu corpanzil, usualmente dentro de casa, para grande temor da criada supersticiosa. E então encurvava-se na sua maneira habitual e espreitava para cima, com terror absoluto pintado no rosto. Perguntava, tremendo: «Será que o céu me vai cair em cima? Oxalá não caia. Oxalá não caia». E eu agarrava-me à sua camisola e sacudia-o com força, dizendo; «Não cai, não, meu tolo. Não vês que estou aqui fora e nada me acontece? Sai daí». O tio arregalava os olhos para mim. «O menino não devia estar desprotegido debaixo do céu. E se ele resolve cair de onde está? E se as trevas tombarem das alturas e envolverem o menino, e o menino nunca mais puder ser encontrado? Não tem medo?». Ao que respondia orgulhoso: «Não tenho medo de nada», imaginando-me um bravo guerreiro gaulês defronte de um exército de romanos, com a poção mágica de Panoramix a correr-me nas veias. «O menino é muito valente», declarava, genuinamente surpreso, o tio amedrontado. E eu, com a confiança do meu engenho, retirava-lhe o guarda-chuva das mãos, deixando-o perante o céu. Mostrava-lhe o caminho de dedo firmemente apontado, sem tremer nem vacilar. Acreditava que boas coisas aconteceriam aos que abraçassem as nobres causas, as crenças valorosas, aos que fossem fiéis a um cerro ideal de justiça. A justiça da partilha. A todos seria entregue o quinhão devido – tivesse esse quinhão a forma de alimento destinado às gentes esfomeadas na hora da auto-flagelação civilizacional da TV, que desapareciam em vida nas suas terras distantes; tivesse a forma de cobertores e um telhado para os pobres que dormiam nas ruas, por onde o pai conduzia o carro ao levar-me para o colégio; tivesse o aspecto de pais cujo amor e carinho fossem padronizados, de modo a que ninguém se sentisse em falta. O mundo seria plano e pacífico como o mar numa pachorrenha tarde de calor. O mundo de quem tem seis anos.

Mas em breve teria sete. Teria oito. Os dias passavam, corriam, ninguém os podia deter. Entrelaçava os dedos para formar uma concha, uma concha que contivesse o tempo, mas os dedos não se uniam, a areia escapava, a noite intrometia-se. A mansão não se encontrava dentro de uma bolha mágica de eternidade. Envelhecia, como nós. Seguia a

corrente – a do mesmo rio que eu atravessava com largas braçadas de margem a margem, voltando atrás, caindo pelos rápidos, ignorando as regras: os dias eram para ser vividos intensamente. Construía uma catedral de pequenos acontecimentos, pequenas vitórias, onde o Verão estivesse guardado. Poderia regressar a este local nos momentos difíceis; seria o refúgio secreto do meu espírito, no meu espírito. Mas de súbito, durante a corrida, tropeçava. Não me voltaria a erguer. O destino tinha-me encontrado. Perderia o último dia nos preparativos para a viagem de regresso, em compor a figura, pentear o cabelo, ajeitar a roupa. De mala feita, sentava-me no pórtico a ver tombar as horas, proibido de brincar para não cobrir de terra a minha limpeza. Os tios queriam-me imaculado para causar boa impressão aos meus pais, de modo a convencê-los, presumivelmente, a repetirem o feito no ano posterior. Iria ser entregue embrulhado e enfeitado como um presente de Natal, e eu sabia que eles não notariam. Nunca tinham pressa nem certeza da hora, embora a mãe telefonasse habitualmente na véspera da chegada com a sua indicação provável (que jamais coincidia com o facto). Ficaria à espera a manhã toda, a tarde inteira, a ver as sombras avançarem no muro, sentindo-me vazio como um livro em branco. Não me importava; seria impossível divertir-me naquele que, para mim, era dia de luto. E então a mancha vermelha surgiria no portão. O motor far-se-ia ouvir sobre o silêncio do bosque, os pneus desinquietariam o sossego do trilho da estrada, lançando ao ar pedrinhas e pó. A máquina de ferro imobilizava-se diante de nós. De dentro, saltariam dois desconhecidos, a pele curtida pelo sol, os olhos vivaços, as bocas rasgadas por um sorriso sem fundo. Estavam vivas aquelas criaturas que julgara mortas; ressuscitavam no lugar distante a que nunca me seria concedida entrada: o seu casamento. A respiração faltava-me. Percebera de súbito que não tinha mais tempo, o fim havia surgido na minha presença com ar imperativo. Queria repentinamente absorver todas as férias numa única inspiração, conter o Verão num grito de felicidade explosiva que me aqueceria a alma durante o Inverno por vir. Mas a própria ansiedade era o instrumento que o tornava impossível. Estava a receber a lição mais importante de todas, a de que nunca me seria concedida permissão para recuperar o passado. Irritado, descia as escadas da entrada, transportando a mala, após lan-

çar dois beijos secos e desprendidos às criaturas estranhas que contavam as peripécias da viagem com gestos largos e palavras que enchem a boca. A mala era quase do meu tamanho e pesava como a culpa do mundo, mas eu insistia em arrastá-la pelas escadas abaixo até os braços me doerem e enfiá-la no banco traseiro do veículo; a vitória daquela luta reconfortava-me, ao pensar que, ao menos, conseguia opor-me com sucesso a um obstáculo difícil. Depois entrava para o carro e fechava-me por dentro. Ficava trancado de janelas subidas a contemplar fixamente as costas do banco da frente. Implorava silenciosamente que o suplício terminasse logo, se a separação tinha de acontecer, que a amarra fosse rápida e indolorosamente cortada. Nada me prendia ali, repetia; fizera as despedidas em privado por que o sentimento era demasiado sagrado para o desperdiçar diante de duas pessoas que não compreenderiam. Outrora, usara o interminável e apertado abraço de despedida aos tios como uma arma, que apontava aos pais de modo a fazer acender neles uma fagulha de inveja; quando percebi que de nada resultaria, tinha deixado de desperdiçar esse momento tão importante da afirmação do nosso amor. Nada me prendia ali, agora. Não olharia para trás, não veria o cais afastar-se da nossa embarcação de metal, iria concentrar-me na estrada em frente como adulto que era. E a promessa seria mantida enquanto os pais ocupavam os assentos da frente, durante o arranque do motor e o engate da primeira mudança. Não pronunciavam palavra, conhecendo a minha disposição habitual. O carro começaria a ganhar terreno suavemente, atravessando o trilho em direcção à abertura do muro em que se adivinhava a estrada, o mundo. E então eu olhava. Esquecido da promessa, virava-me no assento e quase colava as bochechas ao vidro, devorando pela última vez o lar em que fora feliz. A mansão, as árvores, as pedras, a relva, os pássaros, a janela do quarto, o monte que ajudei a plantar, a escada que segurei enquanto o tio prendia o cabo da antena da televisão, o raio de sol que me despertava com a suavidade de um beijo, o lugar secreto onde enterrei o anel que me deu a filha da criada, todos eles invadiam-me os olhos com as suas narrativas silenciosas. E eu via-os ficarem distantes. Via a derrota eterna no rosto da minha tia, a confirmação da sentença. Via os dois criados espreitando pela janela, pólos neutros e insensíveis naquele painel tão saturado de

emoção. E diante deles todos, recortado em primeiro plano contra a imagem e a minha memória, a figura de um homem montanhoso que se encurvava de medo debaixo de um guarda-chuva velho e frágil, não fossem as trevas cair.

Julho 1997

A NOITE EM QUE OS EXTRATERRESTRES INVADIRAM A TERRA?

Tiago Gomes

John caminhava há já cinco dias pelas estradas de um grande país desértico, parando apenas nas estações de serviço para beber um RISKY ou outra qualquer bebida, por vezes bebidas estranhas, verdes e azuis, e mesmo de várias cores. Levava consigo uma guitarra eléctrica CODFIX 2002 de doze cordas e parava muitas vezes à sombra de um cacto para sacar sons desérticos dessa sua guitarra.

O seu objectivo era chegar a Dead City, cidade que ficava no fim desse grande país desértico, porque aí estava a grande paixão plutónica da sua vida: Punk Girl, uma miúda despachada e directa pela qual John se apaixonara há uns bons anos atrás, quando houve os primeiros festivais cibernéticos, onde fizeram amor sem parar durante três meses, com pequenas pausas para tomar as pastilhas do almoço e do jantar, e, claro, as pastilhas de *speed*, meia velocidade ou lentas. Agora John decidira-se a ir visitar Punk Girl pois tinha descoberto que era a miúda de que mais gostara na sua vida. Só pensava nas suas calças de bombazine apertadas, nos seus seiscentos e dois brincos (pelo menos quando a conheceu) espalhados por todo o corpo, no seu *skate* electrónico de doze velocidades e na sua *T-shirt* dos Sonic Oldies, uma banda do princípio do século da qual ela era fã, e sempre que dava um concerto, ela lá pegava no seu *skate* electrónico e ia curtir o som dessa banda de NEW PUNK-ROCK FINE MEGA WOOP WACKY BOMB.

Ao fim de cinco dias John só tinha apanhado três boleias de autojactos e ainda faltavam alguns milhões de quilómetros para chegar a Dead City. Pelas suas contas estaria lá dentro de três dias. Nessa sexta-quarta mais ou menos lua nova maré som, John sentiu-se um pouco estranho e teve alucinações breves, mas isso não o preocupou, até porque já estava habituado.

No entanto ao fim da tarde decidiu tomar um pacote de comprimidos retardadores das alucinações. John parou então um pouco, encostado a um cacto bebeu uma Intelligent Drink e pensou: «agora estou mais fresco e calmo para seguir viagem».

Para seu espanto, John não mais se conseguiria levantar daquele cacto nesse dia, e esteve durante horas a falar com Sarcipianos de uma

nave da cruz negra que tinham sido avisados de que na Terra havia um habitante que estava a ter visões feéricas.

Os Sarcipianos eram três, com os seus fatos amarelos e a sua bandeira «IN GROOVE WE TRUST», sempre sorridentes e prontos a ajudar o parceiro, sobretudo quando se tratava de infecções, porque eram peritos em doenças infecciosas ou poluição e catástrofes.

Os Sarcipianos apressaram-se a mostrar todo o seu bom humor contando anedotas e músicas *space* para o tentar curar, mas John não se levantava, e continuava a dizer que via seres ultra-terrestres por todo o lado. Os ultraterrestres eram uns seres pequenos, apenas com a pele do corpo, sem ossos e sem pêlos, inteiramente verdes e com um escalpe roxo na cabeça. Só tinham sido avistados doze vezes em incursões pela Terra, e sempre que alguém dizia ter visto um, logo se gerava uma grande polémica.

Os Sarcipianos tentavam acalmar John, mas este dizia que os tinha visto e que os continuava a ver, ali ao fundo, um pouco depois do sol, quase ao pé da lua. Os Sarcipianos só viram então uma solução para o caso. Pôr John numa sala que tinham dentro da sua nave a ouvir FUNKOMIC MUSIC durante algumas horas para o curar da *bad-trip*.

John entrou nessa sala insonorizada com *all-catifs* e córtex vegetal, onde apenas se ouvia o som da música Funkomic e começou a fazer GLAM, SLAM, BLASH e, por fim, RAN TAN PLAN DANCE, que consiste em dançar deitado no chão e farejar todo o espaço como um *dog* (antigo *cannis* cão). Passadas duas horas John saía da sala completamente normal, tendo então reparado que o *dylan* que lhe vendeu os comprimidos lhe dera *ultra-speed* em vez de *speeds* retardantes. John agradeceu então aos Sarcipianos por lhe terem curado a sua *bad-trip* e pediu-lhes uma boleia para Dead City.

Meia hora depois estava no *bunkersquatt* da sua amada Punk Girl com a qual fez amor durante os 108 dias seguintes sem parar.

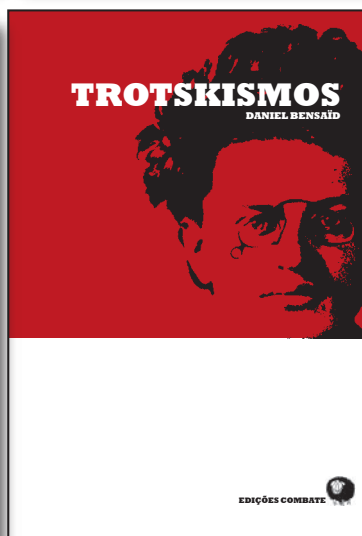
Viveram felizes para sempre e tiveram muitos *Rocker-Babies*.

Julho 1995

Índice **clique no título para aceder à página** (só versão pdf)

NOTA DOS EDITORES	5
PREFÁCIO – JOÃO MESQUITA	9
O COMUNISMO EM 6 ASSALTOS – EDUARDA DIONÍSIO	21
TEMPO PARA OS AMORES – FERNANDO ALVES	29
PARÁISOS PERDIDOS – MÁRIO BROCHADO COELHO	33
A ALAVANCA DO DESEJO – FRANCISCO LOUÇÃ	37
A DIFERENÇA ESTÁ NO PODER – ANDREA PENICHE	41
CRAVOS E ROSAS EM BODAS DE PRATA – CECÍLIA HONÓRIO	45
OS DERROTADOS DA REVOLUÇÃO – INÊS FONSECA	51
MÁ SORTE TER SIDO PC – JÚLIO PINTO	55
A POLÍTICA DA LOUCURA – JOSÉ MANUEL MORAIS	59
SÓ SOU QUE NADA SOU – HENRIQUE SILVESTRE	63
AS VOLTAS QUE O CORAÇÃO NÃO DÁ – INÊS PEDROSA	67
PUB – NUNO MILAGRE	71
A DESLINGUAGEM – RUI ZINK	77
A CABEÇA DO MENINO JESUS – JOSÉ LUÍS PEIXOTO	81
NEGÓCIOS (EXPLICADOS) – JOSÉ MANUEL MORAIS	87
GUERRA SANTA – JOÃO BARREIROS	97
NÃO FOSSEM AS TREVAS CAIR – LUÍS FILIPE SILVA	113
A NOITE EM QUE OS EXTRATERRESTRES INVADIRAM A TERRA? – TIAGO GOMES	125

TODAS AS NOVIDADES DAS EDIÇÕES COMBATE EM
www.combate.info



LANÇAMENTOS DE 2008 - PREÇO: 10 EUROS CADA

As voltas que o capitalismo (não) deu, de **JOÃO MARTINS PEREIRA**

Trotskismos, de **DANIEL BENSAÏD**

E os dois **CADERNOS DO COMBATE**:

Malhas que a memória tece e Não se pode viver sem utopia